

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS

ALESSANDRA ALVES SILVA

**É SÓ MAIS UM *CLICK*:
da câmara escura a era digital**

Porto Alegre, Dezembro de 2009

ALESSANDRA ALVES SILVA

**É SÓ MAIS UM *CLICK*:
da câmara escura a era digital**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO,
apresentado na Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social – Relações Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Helenice Carvalho

Porto Alegre, dezembro de 2009

Dedico este trabalho a minha avó, que tanto desejou aprender a ler e escrever.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me incentivaram, me emprestaram livros e que de alguma maneira estiveram comigo na construção deste trabalho.

Aos meus pais, a minha irmã e ao meu xuxu, por compreenderem a minha ausência.

Ao Dani, meu amor, por literalmente me aguentar, enquanto eu mesma não conseguia. Por todo carinho, dedicação e amor. Agradeço também por me fazer sorrir quando estava difícil continuar.

À Xanda, minha grande amiga, por compartilhar os melhores momentos da Fabico, e claro, os desabafos e desesperos monográficos.

À Helenice, minha orientadora, por toda paciência e dedicação.

À Paty, minha doutora querida, que me ajudou no período mais crítico, e me disse que “se é para dar certo, vai dar...”.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de verificar as transformações que ocorreram com a fotografia, ao passar do sistema analógico para o digital, e ainda as mudanças no hábito de fotografar dos indivíduos. Para o desenvolvimento do estudo foi utilizada a revisão bibliográfica e uma pesquisa qualitativa exploratória com indivíduos que possuíam perfil no *orkut*. Os dados obtidos a partir da pesquisa foram analisados a fim de constatar as modificações ocorridas. Com o resultado da pesquisa, foi identificado que com o advento da fotografia digital, o costume das pessoas imprimirem suas fotos está em declínio, havendo uma nova realidade onde a fotografia passa a ser socializada no meio virtual. A atual mudança faz com que aumente o número de registros fotográficos, mas ainda não existe a preocupação com o arquivamento destas imagens.

Palavras-chave: Comunicação, Cultura Digital, Fotografia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 A MAGIA DA FOTOGRAFIA	09
2.1 As Primeiras Descobertas Acerca da Fotografia	12
2.2 Imagem e Fotografia	18
2.3 Arte e Fotografia	20
2.4 A Era dos Retratos	23
2.5 Os Primeiros Estudos para a Fotografia Digital	25
3 MUDANÇAS POSSIBILITADAS PELA TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO- TICs	30
3.1 Indústria Cultural	33
3.2 A Obra de Arte e a Reprodutibilidade Técnica por Walter Benjamin	38
3.3 As Possibilidades e Vantagens da Cultura de Massa	40
3.4 Culturas e suas Influências na Sociedade	42
4 AGORA É SÓ MAIS UM CLIK: ANÁLISE DE UM NOVO PROCESSO DE FOTOGRAFAR	47
4.1 Metodologia	47
4.2 Objeto de Pesquisa	48
4.2.1 Perfil dos Participantes da Pesquisa	49
4.3 Análise dos Dados	62
4.4 Resultados da Pesquisa	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	73
ANEXO A	76

1 INTRODUÇÃO

A fotografia passa por diferentes momentos desde o seu surgimento. Primeiramente foi utilizada como ferramenta de auxílio para alguns artistas. Alguns anos depois, foi duramente criticada por pintores, que sentiram-se ameaçados com a invenção. Aos poucos a fotografia foi conquistando seus adeptos e seus admiradores, passando a partir de então, a fazer parte da história das famílias. Também é possível dizer que a fotografia contribuiu historicamente com a sociedade, registrando diversos acontecimentos que marcaram a humanidade. Foi ainda muito utilizada pelos diferentes tipos de mídias, a partir da explosão dos meios de comunicação, sendo utilizada para veicular muitos tipos de informação.

Com a passagem do sistema analógico para o digital, muito foi modificado no universo da fotografia. No ambiente profissional, o sistema proporcionou uma maior agilidade e, a espera para a visualização do trabalho executado é quase nula. Hoje, com o sistema digital, o resultado é quase simultâneo: com o *click* do fotógrafo na máquina, é possível corrigir os erros com mais rapidez. Talvez o assunto mais comentado entre os fotógrafos profissionais, seja a inexistência do gasto com o filme e com a revelação. Agora não há a preocupação em repetir a mesma foto inúmeras vezes, pois não é preciso controlar o número de poses do filme. Com a nova tecnologia houve também o aperfeiçoamento da técnica, atualmente muito da qualidade fotográfica é definida pela configuração da câmera, e claro pelo olhar do fotógrafo.

Meu interesse pela fotografia está ligado ao fato de eu ser filha de fotógrafo, e desde muito cedo ter a vontade de aprender. Sempre que era possível pedia para meu pai me deixar segurar a sua câmera e brincava de ser fotógrafa. Na minha casa não havia uma câmera amadora, somente a profissional do meu pai. Quando eu tinha aproximadamente nove anos, eu e minha irmã ganhamos uma máquina fotográfica e passamos a descobrir os segredos da arte de fotografar. Começamos a nossa experiência por fotografar os animais da casa, os cachorros e a cocóta, depois pedíamos para as pessoas da família fazerem pose, enquanto tomavam o chimarrão do final da tarde. Em 2003, quando tinha dezoito anos, fotografei pela primeira vez um evento social, ainda utilizava câmera analógica, somente em 2005 comecei a trabalhar com a tecnologia digital.

Com a evolução da tecnologia, a câmera fotográfica está cada vez mais disponível, seja a câmera portátil ou ainda aquela disponibilizada através do aparelho celular. Segundo pesquisa divulgada pelo SBT, no dia 20 de novembro, existe no Brasil quase 01 celular por indivíduo, num total de 168 milhões de aparelhos. A cada 100 pessoas, 87 utilizam celular, de janeiro a outubro desse ano, foram vendidos mais de 16 milhões de novos aparelhos.

A partir desse cenário é possível visualizar o seguinte diálogo, após dezenas ou centenas de *clicks*: “deixa eu ver... ah, não gostei, tira outra” e isso segue durante muito tempo. Mas a dúvida que persiste é: Qual o destino dessas fotos? Onde elas serão armazenadas?

Com todas as inovações e possibilidades proporcionadas pela fotografia digital, há um ponto específico que deve ser verificado com maior atenção. A fotografia de arquivo pessoal e familiar pode estar perdendo o seu referencial de memória. A fotografia digital está ligada diretamente ao fenômeno da instantaneidade, onde após a cena ser fotografada, é possível ver o resultado, ou mesmo, se o resultado não for satisfatório é possível deletar a foto, e refazê-la quantas vezes for necessário. Com o desenvolvimento de novas tecnologias, hoje está disponível a câmera fotográfica no celular, e isso, faz com tudo seja fotografado, registrado. Será apenas uma mania de só mais um *click*? Existe o arquivamento dessas imagens? Ou ainda, as pessoas imprimem as fotografias?

Em vista desta realidade, este trabalho aborda a fotografia em âmbito privado, ou seja, das fotos realizadas em âmbito amador. O objetivo geral deste estudo será analisar a evolução da fotografia desde a câmara escura até a fotografia digital. A partir desta análise, que será realizada através do referencial teórico, também serão analisados os seguintes objetivos específicos: uma retrospectiva do sistema analógico ao digital, as mudanças provocadas pelo fenômeno digital e/ou virtual e ainda verificar se houve mudanças no hábito de fotografar dos indivíduos, a partir do advento da fotografia digital.

A monografia apresenta-se estruturada em cinco capítulos: no segundo é apresentado o conceito de fotografia, juntamente com um breve histórico acerca da sua descoberta, relatando ainda as suas derivações e o início da fotografia digital, para esta parte foram selecionados autores como Barthes, Kossoy, Kubrusly, entre outros.

Em seguida são apresentadas as mudanças ocorridas na comunicação com o desenvolvimento das novas tecnologias, as críticas apresentadas por alguns estudiosos da época, as transformações ocorridas na arte e na cultura, com base nos conceitos dos autores: Rüdiger, Santaella e Benjamin.

Após a contextualização teórica, é apresentada uma pesquisa qualitativa realizada através de entrevistas em profundidade, com usuários do site de relacionamento *orkut*. A finalidade foi verificar: a quantidade de fotos que cada indivíduo tem em seu Orkut, e se o mesmo as têm impressa; as diferenças notadas por eles, na transição do sistema analógico para o digital.

Em seguida, são analisados os dados e apresentados os resultados, de acordo com as observações feitas pelos entrevistados.

Na conclusão são retomados os conceitos teóricos e realizado um cruzamento com a situação empírica analisada.

2 A MAGIA DA FOTOGRAFIA

A fotografia é uma arte que fascina e encanta as pessoas, há muitos anos, principalmente aos artistas. Seu fascínio talvez esteja em aprisionar o tempo, transformá-lo em algo eterno. Barthes (1980) diz que a fotografia é uma imagem, um tempo que não existirá mais. Cada imagem registrada transmite sensações, retrata momentos, ultrapassa limites, não é um simples demonstrar, é possibilitar um novo olhar sobre o mundo. De acordo com Sontag “Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena e sobre o que temos o direito de observar” (SONTAG, 2004, p. 13).

Cada indivíduo observa o seu espaço de acordo com o seu olhar, assim uma fotografia nunca terá o mesmo objetivo ou o mesmo significado para duas pessoas, pode trazer lembranças do mesmo momento, porém, a fotografia emociona cada um ao seu modo, relembra o instante com alegria, saudade, ou simplesmente relembra.

Segundo o fotógrafo Bob Wolfenson (2009), a fotografia é uma arte que difere das demais, pois cada foto possui sua própria maneira de nos fazer reagir. A maneira mais fácil de guardarmos os momentos incríveis da vida é registrando-os em uma foto. Muitas vezes durante vários momentos de nossa vida revemos nossas fotos, nos emocionamos com elas, choramos, damos risadas, pois é na fotografia que estão as nossas lembranças do passado, os nossos sonhos e isso tudo é visto com outros olhos, é como reviver o passado e pensar que muitas coisas mudaram, mas que tudo aconteceu e principalmente, valeu a pena.

É difícil pensar que quando tiramos uma foto, é como se o tempo parasse, pelo menos naquele instante, como se houvesse vida e ao mesmo tempo morte, pois o que aconteceu nunca mais existirá. Nunca aquele instante irá voltar e o que ficou registrado para sempre, será eternizado numa imagem. A fotografia nos transporta para um mundo mágico, que exerce fascínio e atração. É esta magia que ela nos permite ter desde a sua invenção, é uma arte diferente das outras, pois está sempre repleta de sentimentos.

Fotografia é um detalhe visto por um olhar curioso, é emoção, é sensibilidade, seja por um momento ou pela realidade do dia-a-dia. Sua história nasce da arte, do

desejo de que a imagem se mantivesse fiel, e que a reprodução feita por pintores fosse o mais verossímil possível.

A fotografia originou-se do desejo do homem de perpetuar a realidade. A invenção fotográfica deu-se através de observações feitas por filósofos, cientistas e artistas, pois eles desejavam que a imagem vista através da câmara escura pudesse ser eternizada, documentada. Para Kossoy, “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2001, p. 36). Com a invenção da fotografia foi possível “congelar” momentos, lugares e até mesmo pessoas, pois o tempo irá passar, mas será quase impossível perder o que foi eternizado numa fotografia. O autor afirma ainda, que “O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia [...]” (KOSSOY, 2001, p. 36).

Ao mesmo tempo que a fotografia aprisiona o instante e o espaço, ao tirar uma foto, ela proporciona que este momento jamais seja esquecido. Poder rever momentos que trouxeram alegrias, lembrar de pessoas que fizeram parte da sua vida, recordar ou mesmo mostrar o que aconteceu quando você ainda não existia, ou mesmo, não pode estar presente. Barthes afirma que, “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1980, p. 13). Tudo isso faz com que a fotografia não sirva apenas como fato documental, e sim, algo que faz parte da nossa história, eternizando momentos que não existirão novamente.

Nesse sentido Kubrusly pergunta:

Afinal, o que é fotografia? A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém de quem gostamos? Ou apenas uma ilusão? Uma ilusão de ótica que engana nossos olhos e nosso cérebro com uma porção de manchas sobre o papel, deixando uma sensação tão viva de que estamos diante da própria realidade retratada? Ou, ainda, o prodígio que nos mostra a face oculta da lua; o momento exato que o espermatozóide penetra no óvulo; a bala de revólver que acaba de cortar ao meio uma carta de baralho; complicada estrutura de uma bactéria ou nuvens de estrelas tão distante que nem podemos suspeitar? (KUBRUSLY, 1998, p. 08).

Muitas vezes questionamos o que é fotografia, através de diversas maneiras e para diferentes pessoas, seja pela cultura ou simplesmente pelo lugar. Porém a cada tentativa de definição ou explicação, receberemos uma nova interpretação: muitos tentarão explicá-la pela origem, outros irão explorar o seu lado artístico, assim por diante. A fotografia surgiu em meio a grandes transformações, visto que um processo de desenvolvimento social, cultural, político e econômico de muitos países, uma série de inovações, viriam modificar os rumos da história moderna. Em um primeiro momento a fotografia despertava a curiosidade nos indivíduos, “eu queria saber a qualquer preço o que ela era em si” (BARTHES, 1980, p. 12). Muitos estudiosos da época procuravam conceitos, teorias para explicá-la, queriam ter a certeza que a fotografia existia. Mas como explicar o fenômeno químico e físico, que eterniza as imagens que todos podiam na época, apenas observar, era como algo sendo capturado de determinado lugar e época.

Para Kossoy “a nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente e ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica” (KOSSOY, 2001, p. 25). O mais improvável será encontrar uma única resposta, pois na fotografia nada é singular. A fotografia é uma arte diferente, ela traz lembranças, emoções, momentos de vida, de dor, de sonhos. Ela registra o mais profundo detalhe, capta em um instante algo que nunca mais existirá.

Com o conhecimento das técnicas fotográficas, e o desenvolvimento industrial dos países, as pessoas puderam conhecer um novo mundo, começaram a explorar outras culturas, outros lugares. Foi possível documentar detalhes, “[...] o homem passou a ter conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica” (KOSSOY, 2001, p. 26).

Com o advento da fotografia foi possível ver além do horizonte, acreditávamos que tínhamos conhecimento do que estava ao nosso redor, porém, estávamos apenas vivendo o “nosso” mundo, conhecíamos somente o que nossos olhos alcançavam, ou mesmo o que outros nos contavam. Antes da fotografia foi impossível conhecer outros povos, sua cultura, seus costumes, o lugar onde viviam, se existiam semelhanças ou diferenças extremas entre os povos.

Kossoy salienta que,

Com a descoberta da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhes, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais (KOSSOY, 2001, p. 26).

Outro fato interessante é que a partir da descoberta da fotografia, muito foi comentado pelos pintores renascentistas. Eles acreditavam que a profissão passaria a ser desvalorizada devido a novidade. Com isso, sentiram-se ameaçados com a possibilidade da arte que desenvolviam desaparecer. Entretanto, com o passar do tempo, verificaram que a novidade seria um novo auxílio na obtenção do produto final. Muitos inclusive passaram a adotá-la como parte de sua técnica; fato que permanece até os dias atuais.

2.1 As Primeiras Descobertas Acerca da Fotografia

O desejo de fazer com que a realidade pudesse ser capturada, seja qual fosse o objetivo desta ação, fez com que por muito tempo, o homem procurasse a fórmula para tornar isto possível. A fotografia, ou mesmo, os estudos acerca da possibilidade de eternizar o instante, serviram de estímulo para muitos artistas, filósofos, cientistas, etc., na busca pelo aperfeiçoamento das suas atividades. Em diferentes momentos da história, os estudiosos desejaram obter um “espelho da realidade”, isto aconteceu lentamente, através de inúmeras observações.

No período do renascimento, o desejo dos artistas era conseguir transformar as imagens vistas a olho nu em algo eterno, e que pudesse ser materializado em forma de arte. Por isso muitos artistas da época utilizaram a câmara escura como auxílio na sua arte, fazendo uso da ciência para o desenvolvimento do desenho e da pintura.

A primeira grande descoberta sobre a fotografia foi a invenção da câmara escura. Alguns historiadores acreditam que o chinês Mo Tzu, desenvolveu o princípio ótico da câmara escura, outros citam o filósofo Aristóteles como tendo sido o estudioso que descreveu os primeiros comentários a respeito. Desde esta época,

o fenômeno da produção de imagens pela passagem da luz através de um pequeno orifício já era conhecido, e observou-se que quanto menor fosse o orifício, mais nítida seria a imagem. No século X, um árabe descreveu como observar um eclipse solar no interior de uma câmara escura – um quarto às escuras com um pequeno orifício aberto para o exterior. No ano de 1521, um discípulo de Leonardo da Vinci, Cesare Cesarino, descreve a câmara escura em uma anotação. Outra data marcante para a fotografia é o ano de 1545, em que surge a primeira imagem da câmara escura, na obra de Reiner Gemma Frisius, físico e matemático holandês.

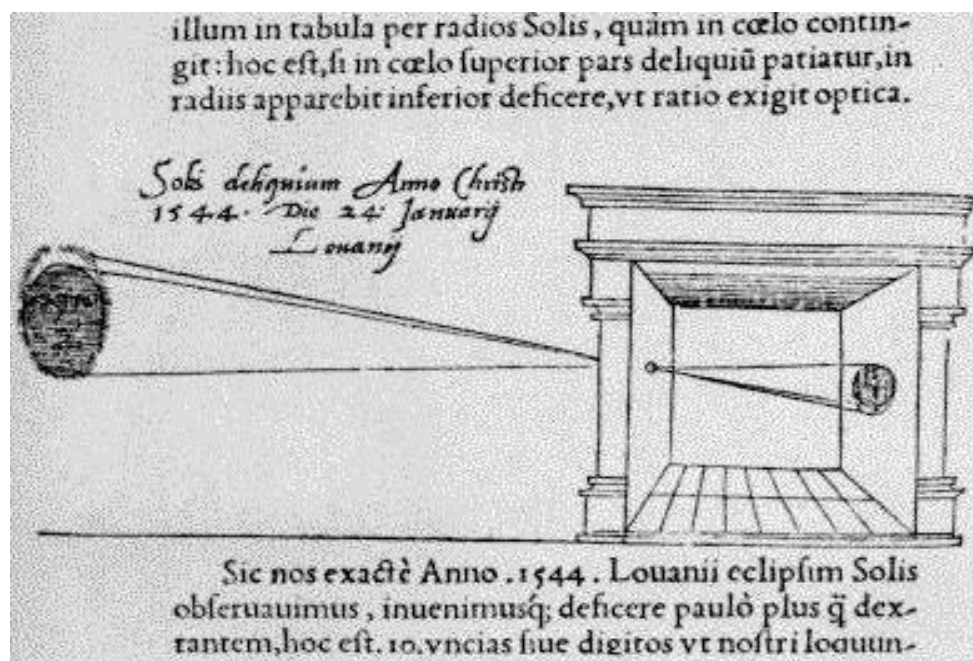


Figura 1: Primeira imagem da câmara escura
Fonte: <http://aurelionespoli.com.br/page1001.aspx>

Durante o período da renascença, acrescentou-se um “equipamento” à câmara escura, uma lente ao orifício. Esta mudança permitiu que a qualidade das imagens melhorasse, - a projeção da imagem era obtida de forma invertida e de cabeça para baixo – assim a câmara escura se torna comum entre os sábios europeus para observação de eclipses solares. No século XVII seu tamanho já estava bastante reduzido, podendo ser carregada facilmente. Muitos artistas como Leonardo da Vinci, já utilizavam a câmara escura como auxílio ao desenho e à pintura. Nesta época, o desejo dos usuários, era descobrir uma forma de fixar as imagens eternamente.

Por volta de 1604, um cientista italiano, Angelo Sala, observou que um composto de prata escurecia com a exposição ao sol, neste período os estudiosos acreditavam que o calor era responsável pelo escurecimento. Porém não havia ainda como interromper esta ação, de forma que a imagem fosse fixada. Nos primeiros estudos sobre fotografia, observou-se que os princípios básicos da óptica e da química, que foram à base para invenção da fotografia, já eram conhecidos muito antes da existência da primeira imagem fotográfica. Isso corresponde mais ou menos cerca de 1826.

Entretanto como se pode verificar a fotografia foi descoberta aos poucos, através de experimentos realizados por filósofos, cientistas e artistas. Em 1725 descobriu-se a foto sensibilidade dos sais de prata, durante um experimento notou-se que o nitrato de prata escureceu à medida que entrava em contato com a luz. Wedgwood, cientista amador, consegue fixar algumas imagens, porém por um tempo muito pequeno, e essas imagens, só podiam ser vistas à luz de velas.

Um dos mais interessados nas pesquisas foi o francês Joseph-Nicéphore Niépce, um militar aposentado, que com o seu irmão Claude já tinha conseguido em 1816 realizar uma imagem em câmara escura utilizando papel sensibilizado com cloreto de prata, que expôs durante muitas horas. O resultado foi uma fraca imagem em negativo, ao contrário do que desejava, pois queria uma imagem positiva que permitisse ser usada como uma placa de impressão. Mas somente dez anos mais tarde em 1826 realizou-se o primeiro registro fotográfico, uma imagem permanente, inalterável. Niépce realizou um novo processo, produziu uma imagem pela ação direta da luz resultado de uma exposição de oito horas na sua câmara escura, este processo foi denominado *heliogravura*, ou seja, *gravura com a luz solar*. A primeira fotografia da história, produzida por Niépce, foi realizada no sótão da sua casa, a imagem obtida, foi uma imperfeita reprodução da vista de sua janela.

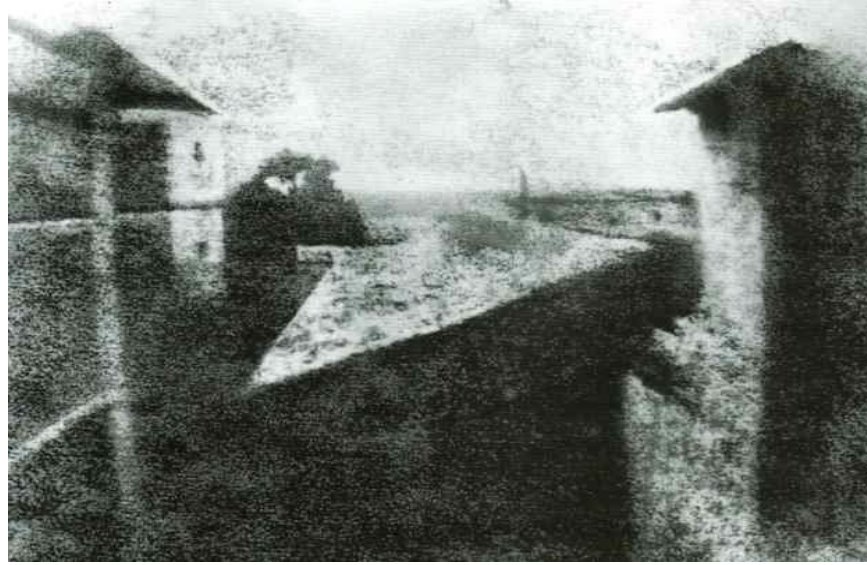


Figura 2: Vista de Grasz, 1826, Joseph-Nicéphore Niépce
Fonte: <http://www.robinsonlibrary.com/technology/photography/biography/niepce.htm>

No entanto, o sistema heliográfico ainda não era o adequado para a fotografia, pois não reduzia a duração da exposição necessária à obtenção de imagens. Devido a isto, Niépce tentou inúmeros materiais sensíveis a luz, que pudessem diminuir o tempo de exposição. Após a descoberta da foto sensibilidade, ele desenvolveu um material a base de piche (betume).



Figura 3: Joseph-Nicéphore Niépce (1765 – 1833)
Fonte: <http://www.hrc.utexas.edu/exhibitions/permanent/wfp/niepce.html>

Em 1827 Niépce recebeu uma carta de Louis Daguerre, um talentoso pintor francês que também estava interessado em gravar imagens, e os dois continuaram as pesquisas através de cartas. Em 1829, formaram uma sociedade, com a intenção de aperfeiçoar a heliografia, porém esta durou pouco. Após a morte de Niépce em 1833, Daguerre continuou as suas experiências em Paris, com chapas revestidas de prata e sensibilizadas com iodeto de prata, abandonando definitivamente o betume. Segundo Santos (2003), a descoberta do processo teria sido de forma acidental, pois após uma tentativa de exposição fracassada, Daguerre descobriu que o vapor de mercúrio revelava as imagens, o que permitia diminuir a duração da exposição. Mas ainda faltava descobrir como parar a ação da luz. Em 1837 Daguerre descobriu um processo para interromper a ação da luz, com um banho de cloreto de sódio. A partir deste momento surgiu o processo de obtenção de imagens, conhecido como daguerreótipo.

Após dois anos, Daguerre resolveu vender a sua invenção para o governo francês, de quem passou a receber uma pensão vitalícia. Neste mesmo ano, a fotografia foi apresentada ao mundo, e uma nova era se apresentava, “a era das imagens”. No início da comercialização dos daguerreótipos, não havia uma qualidade nas imagens, elas eram invertidas, possuíam pouco contraste e o tempo de exposição variava de entre 15 e 30 minutos. Os estudos para seu aperfeiçoamento continuaram, e logo foi descoberto que o brometo de prata poderia ser usado como acelerador. Para corrigir a imagem que estava invertida foi acrescentado um prisma junto à objetiva. Nesta época ainda não era possível a reprodução, pois até então só se obtinha o positivo, ou seja, uma única fotografia.

Embora a fotografia tenha sido criada com a invenção do daguerreótipo, foi o cientista e escritor inglês, Fox Talbot, quem criou o princípio negativo x positivo, o que possibilitou a “produção de um número indeterminado de cópias, a partir da chapa exposta, lançando assim as verdadeiras bases para o desenvolvimento desse veículo de comunicação” (BUSSELLE, 1979, p. 31). Talbot utilizava a câmara escura como auxílio para os desenhos que produzia em suas viagens. As imagens que desenvolvia não despertavam interesse público, pois sua lentidão, seu tamanho e sua incapacidade de produzir detalhes, faziam com que fossem consideradas muito pobres.

Depois de um ano da descoberta da sensibilidade, um novo material sensível foi desenvolvido, o iodeto de prata, que após a exposição era submetido a uma revelação com ácido gálico. Esse processo ficou conhecido como talbotipia.

Talbot começa a produzir cópias, contrata uma equipe para auxiliá-lo na comercialização. Durante suas viagens, fotografava inúmeras paisagens turísticas e comercializava este material em quiosques e tendas artísticas por toda Grã Bretanha. Em 1844 publica o primeiro livro do mundo ilustrado com fotografias, *The pencil of Nature*. Muitos fotógrafos reclamavam do sistema de cópias, mesmo o papel sendo de boa qualidade, os detalhes eram perdidos devido à fibrosidade do papel, então, muitos pensavam em melhorar a qualidade da cópia utilizando como base o vidro.

Em 1847 Abel Niépce da Saint-Victor, primo de Nicéphore Niépce, descobriu que a clara de ovo, ou a albumina, poderia cobrir a placa de vidro, sendo sensibilizada com iodeto de potássio, para auxiliar na melhoria das cópias. Em 1851 após a morte de Daguerre foi descoberto um invento que substituiu todos os métodos existentes. O colódio úmido, desenvolvido por Frederick Scott Archer, que não satisfeito com a qualidade das imagens obtidas, sugeriu uma mistura de algodão de pólvora com álcool e éter, chamado colódio, para a junção dos sais de prata nas placas de vidro.

A partir deste momento a fotografia cresceu em popularidade, o número de retratistas aumentou, as pessoas de diversas classes sociais desejavam ser eternizadas em um retrato. Em setembro de 1871, Richard Leach Maddox, publica em um jornal britânico, suas experiências e relata a emulsão de gelatina e brometo de prata como substituto para o colódio.

Entretanto, como afirma Busselle (1979), “se o mérito de tornar os prazeres da fotografia acessíveis ao público cabe a uma única pessoa, ela é incontestavelmente, George Eastman” (BUSSELLE, 1979, p.36) Eastman era um jovem de 23 anos que trabalhava num banco em Nova Iorque, interessado pela fotografia, comprou equipamento necessário ao processo de colódio úmido, e começou a ter aulas com um profissional, porém ficava insatisfeito com o processo que era confuso e trabalhoso. Após ler o artigo de Maddox no *British Journal of Photography*, decidiu experimentar o novo método. Em torno de 1880 já estava desenvolvendo e fabricando sua própria produção, fundou aí a *Eastman Dry Plate Company*. Já em 1844, William H. Walker e Eastman, desenvolvem um chassi

(acessório), que poderia ser acoplado a qualquer câmara padrão para fotografias em chapa.

Somente em 1888 nasce a película, composta por folhas de celulose cobertas por uma camada finíssima de gelatina. Posteriormente surgiu a Kodak, câmara fotográfica que ficou mundialmente conhecida pelo *slogan* “você aperta o botão, nós fazemos o resto”, popularizou a fotografia, produzindo câmeras de baixo custo que já vinham com o filme em rolo, que após seu término, a câmara era enviada pelo correio para a kodak, que fazia a revelação do filme.

Instigado pelo desejo em fazer da fotografia um prazer, George Eastman, decidiu torná-la algo mais simples e popular, devido a isso, passou a ser considerado um grande personagem na história da fotografia, tão importante quanto aqueles que inventaram o processo fotográfico. Na metade do século XX a Kodak, lançou a Leica, primeira câmara fotográfica de 35 mm, e o Ektachrome, primeiro filme colorido.

A partir desse momento, muitas novidades começaram a surgir no mercado fotográfico, como por exemplo, equipamentos auxiliares mais modernos, tipos diferenciados de câmeras, tudo isso fez com que o “novo prazer” fosse utilizado com vários objetivos, seja para registrar o instante ou ainda para ser admirado pela beleza como obra de arte.

Até aqui abordamos o que a fotografia nos possibilitou e as primeiras descobertas sobre o assunto. A seguir serão abordadas as formas através das quais o homem passou a utilizá-la.

2.2 Imagem e Fotografia

Desde os primeiros indícios humanos encontrados nas cavernas, como registros visuais ou mesmo a tentativa da escrita, verificou-se que eles tinham necessidade de mostrar o mundo a sua volta, fosse para sua própria “tribo”, ou mesmo, para demonstrar superioridade para os indivíduos que ali habitavam. As cavernas pré-históricas foram encontradas repletas de pinturas rupestres, mostrando que desde o princípio os indivíduos deixaram documentado o seu modo de ver as

coisas, registrando com detalhes o lugar onde se encontravam e as atividades que ali eram desenvolvidas.

Com o avanço de suas habilidades manuais, o homem passou a desenhar e principalmente registrar o seu cotidiano, a sua vida. Passou a utilizar o desenho como uma ferramenta para se comunicar com os outros; as imagens ali representadas traduziam a idéia do belo. O homem ficou fascinado com a imagem, a semelhança com a sua vida, a expressão de suas idéias e emoções. A humanidade tem a necessidade de marcar a sua existência, para que as próximas gerações possam conhecer o cotidiano, a cultura e principalmente a história, isso faz com que seja possível criar uma memória.

De acordo com Berger:

Uma imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou – por alguns momentos ou séculos (BERGER, 1999, p. 11).

Uma fotografia nunca é somente uma imagem, um registro que comprova que aquilo aconteceu, atrás de uma cena fotografada, existiu um indivíduo que por vontade ou simplesmente instinto, decidiu fazer com que o que ele observava fosse eternizado em uma imagem. Fotografar é eternizar momentos com um único desejo, poder lembrar cada detalhe do instante vivido, sentir, olhar e aprender com o que passou. Tornar público o que poucos puderam presenciar; a fotografia possibilita reviver o instante que o tempo presente se transforma em passado, um encontro com o mistério da eternidade. Ela é uma imagem repleta de informações, seja aquela que pode ser vista através da cena fotografada, assim como, a que o tempo capturou e que servirá como memória para algum acontecimento, ou ainda, como fonte de informação e análise da história.

Dois indivíduos num mesmo lugar e munidos da mesma tecnologia, jamais conseguirão obter a mesma imagem, a cena escolhida para ser fotografada sempre terá aspectos e leituras diferentes. Como afirma Kossoy (2001), há o fotógrafo que em qualquer época e situação, produzirá imagens importantes, que jamais passarão

despercebidas, assim como há também, aquele que produzirá apenas uma imagem, sem grandes significados, apenas um apertar de botão.

Nessa parte do capítulo falamos sobre a maneira como a imagem está relacionada à fotografia. O assunto abordado a seguir, tratará a discussão e sua comparação com a arte.

2.3 Arte e Fotografia

Como será visto a seguir esse novo invento causou muitos questionamentos e uma grande polêmica surgiu após uma exposição das obras de Daguerre: a fotografia iria competir com a pintura? Poderia ser considerada uma arte?

No primeiro momento a fotografia despertou o interesse apenas dos indivíduos que ambicionavam somente o registro do instante, porém após algum tempo, a nova invenção instigou a curiosidade de muitos artistas, que desejavam realizar experiências com a novidade, buscando imitar a pintura da época. A fidelidade máxima com o real era o que os pintores almejavam. Quanto mais a pintura se aproximasse do real, mais admirada e valiosa ela se tornava. Muitos pintores não viram a fotografia com bons olhos, pois eles acreditavam que ela proporcionaria o fim da pintura. Esta nova possibilidade para a fotografia desencadeou também questionamentos da seguinte ordem: a nova técnica deveria reproduzir ou interpretar? Fotografia seria um veículo de comunicação gráfica ou uma forma de arte?

Em diferentes períodos, a fotografia teve tendências que marcaram a sua história. Esses períodos foram caracterizados por apresentarem muitos seguidores com diferentes estilos, porém, todos tinham alguma relação com a arte da época. A questão mais discutida, que auxiliou no surgimento das novas tendências, foi se ela competiria com a pintura ou se seria realmente uma forma de arte.

Os adeptos da nova arte, como Oscar Rejlander e Henry Peach Robinson, apud Bussele, logo começaram a criar estilos que imitavam a pintura da época, com o intuito de promover a fotografia como uma arte. Uma das primeiras tendências observadas e utilizadas por Oscar e Henry, foi a fotomontagem, cujo princípio era a

manipulação. Eles admiravam paisagens e desejavam “obter através da fotografia, uma recriação da cena existente diante da câmara” (BUSSELLE, 1979, p. 34).

Segundo este autor:

Ex-pintor e um dos principais expoentes da manipulação na fotografia, o fotógrafo sueco Oscar Rejlander usou dezesseis modelos e trinta negativos para elaborar *As duas formas de viver a vida*, um dos exemplos mais ambiciosos da pseudopintura, entre os todos produzidos pela câmara, e cuja as dimensões não excediam 78x41cm (BUSSELLE, 1979, p. 34).

A fotografia intitulada *As duas formas de viver a vida*, foi exposta ao público em 1857, e também, apresentada na Exposição dos Tesouros Artísticos de Manchester. A foto foi adquirida pela Rainha Vitória, que a ofereceu ao Príncipe Alberto.

A partir desse momento a fotomontagem passou a ser utilizada por diversos fotógrafos, que acreditaram que a fotografia falhava em um ponto, a não focalização de todos os elementos da cena ao mesmo tempo. O referencial para os fotógrafos era a pintura, por isso, muitos utilizavam a técnica da manipulação para que a fotografia parecesse um quadro pintado, e no intuito de que assim fossem mais valorizadas. Outro adepto e defensor da fotomontagem foi Henry Peach Robinson, que “seguiu os passos de Rejlander, usando diversas chapas combinadas para narrar uma história – um exemplo é *Éla jamais declarou seu amor*.” (BUSSELLE, 1979, p. 34). Segundo Kubrusly (1983), para Robinson, a melhor maneira de ser fiel à natureza, era a combinação de vários negativos. Porém, o fotógrafo não devia representar, e nem utilizar nenhum truque, na cena que não exista na natureza. Muitos críticos não consideravam a fotomontagem uma técnica, e sim, uma manipulação do real, uma adulteração do resultado obtido da fotografia, pois era falsa a afirmação de que aquilo era verdadeiro. Era impossível acreditar que a junção de vários elementos que, foram capturados isoladamente e com diferentes pontos de vista pudessem estar numa única fotografia.

Com a decadência do estilo da fotomontagem, apresenta-se o naturalismo. Seu principal defensor foi o médico e fotógrafo amador, Peter Henry Emerson, que também desejava descobrir se a fotografia era ou não uma arte. Através da ciência, foi comprovado que uma fotografia totalmente nítida não representava corretamente

a forma como enxergávamos o mundo a nossa volta. De acordo com Kubrusly (1983), “a justificativa era “científica” a visão humana só é nítida no “ponto de fixação” correspondente a uma pequena área central da retina, a fóvea” (KUBRUSLY, 1983, p 90).

O naturalismo foi uma tendência que apresentou um novo modelo de fotografia, onde era escolhido um ponto preferencial da cena fotografada, em que esta teria total nitidez. A partir daí, fica claro que, a ausência da nitidez em alguns locais da fotografia não era um defeito, mas sim, uma maior fidelidade do real, fazendo com que a fotografia ficasse mais próxima da principal característica da pintura: a fidelidade com a natureza. Esta nova teoria teve vida curta, pois os pintores impressionistas logo criaram um novo modelo.

O impressionismo propôs um estilo onde as imagens se confundiam, se fragmentavam, não havendo uma definição, nem mesmo o desejo da reprodução da realidade. Como os fotógrafos acreditavam que a fotografia seria reconhecida como arte se fosse semelhante à pintura, decidiram imitar o novo movimento. A proposta dos impressionistas era valorizar a imperfeição, não havia a preocupação com a fidelidade, característica tão almejada pelos renascentistas.

Em 1890, surge o pictorialismo. Sua principal característica era a interferência a que a fotografia era submetida. Desde o momento da captação até a sua revelação, quanto mais alterada fosse a fotografia e menos detalhe proporcionasse, mais artística a mesma seria considerada. Outro aspecto era a diferenciação com a fotografia de massa, resultado da popularização das câmeras portáteis. Mas, os verdadeiros fotógrafos não consideravam o pictorialismo como um estilo fotográfico, “Isto não se parece em nada com uma fotografia!” (KUBRUSLY, 1983, p. 92). O autor (1983), afirma ainda que, “os pictorialistas usaram e abusaram de todos os meios disponíveis para literalmente, degradar a imagem fotográfica” (KUBRUSLY, 1983, p. 92). O pictorialismo foi um movimento totalmente rejeitado pelos grandes fotógrafos da época, como por exemplo, Alfred Stieglitz.

De acordo com Busselle:

“A fotografia é minha paixão e minha obsessão, a busca da verdade”, escreveu Alfred Stieglitz, mais do que qualquer outro, o responsável por “legitimar” aquele novo veículo. Em 1902, organizou o movimento fofossecessionista, cujo objetivo era conferir dignidade a uma profissão, na época considerada cada vez mais uma ocupação pouco respeitável (BUSSELLE, 1979, p. 35).

Como afirma Kubrusly (1983), Stieglitz nunca quis compará-la, nem mesmo colocá-la em oposição à pintura, para ele, a fotografia é mais um meio à disposição dos artistas.

Até aqui tratou-se das inúmeras mudanças sofridas pelo processo de reconhecimento da fotografia e, abordamos os períodos e as características de cada estilo. No momento seguinte do texto, abordaremos uma época da fotografia muito admirada tanto pelos artistas quanto pela sociedade.

2.4 A Era dos Retratos

Durante muito tempo tirar fotos era algo muito complicado, um legítimo passatempo para os ricos e artistas da época de Daguerre. Com a industrialização, e a possibilidade de ser reconhecida como arte, a fotografia passou a fazer parte do cotidiano de inúmeras famílias. Tirar uma fotografia passou a ser comum, principalmente para registrar todos os momentos considerados importantes de nossa vida.

A popularização da fotografia deu-se através dos retratos. A alta burguesia desejava ser vista fielmente, alguns queriam ser admirados, outros apenas o registro da família reunida. O intrigante para alguns pesquisadores como Roland Barthes, era a maneira como as pessoas desejavam ser fotografadas, elas se produziam, posavam para o fotógrafo. Já que naquele momento ela seria aprisionada, aquele instante ficaria eternizado. Porém havia a dúvida, se aquilo que estava sendo fotografado poderia ser considerado uma representação, pois o sujeito fotografado quando olhado pela objetiva, como dizia Barthes (1980), fabricava-se instantaneamente um outro corpo.

Com a popularização da fotografia chega-se a era dos retratos. Até então, a única maneira de se obter um retrato era através da contratação do serviço de um pintor, porém, nem sempre o resultado obtido era satisfatório.

Kubrusly conta que:

O genial Michelângelo, ao concluir o retrato de uma nobre senhora e ouvi-la sentenciar, com desdém: “não gosto. Não está parecido”, retrucou: “Madame, daqui quinhentos anos, ninguém mais saberá quem é a senhora!” (KUBRUSLY, 1983, p. 30).

Com o reconhecimento e destaque que o retrato ganha perante a sociedade, surge a profissão de retratista, tarefa que até o momento era atribuída aos pintores. Esta atividade se tornou tão popular que, a câmara fotográfica passou a ser chamada de *máquina de retrato* e o ato de fotografar como *tirar um retrato*. Tirar um retrato passou a ser um evento tradicional, era utilizado para registrar os momentos mais importantes da família. Tudo passou a ser documentado através dos retratos, como por exemplo, o casamento, a conquista de um diploma, o nascimento de um filho e até mesmo os acontecimentos do cotidiano da família.



Figura 4: Um clássico retrato de família.
Fonte: <http://www.eb23-viatodos.rcts.pt/hannover/vida.htm>

Como diz Sontag “por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma – um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão” (SONTAG, 2004, p.19). Ela afirma ainda que “quando ficamos nostálgicos tiramos fotos” (SONTAG, 2004, p.19), quantas vezes buscamos os álbuns para rever os momentos que nos transmitem alegria, ou ainda, para conhecer um pouco mais das nossas origens. É inexplicável a sensação de ver nosso primeiro álbum, aquele onde nossos pais guardaram os primeiros momentos da nossa vida.

Era considerado um hábito familiar tirar um retrato, já fazia parte do cerimonial do encontro a tão esperada foto. Atualmente isso não tem acontecido, talvez por que as pessoas antigamente tiravam um retrato, e este, iria para um elegante porta-retrato ou mesmo para a parede do patriarca e/ou matriarca da família. Quando éramos crianças, nossos pais nos fotografavam a cada novo ciclo de vida e assim, começava a surgir àquela inesquecível caixa de papelão ou madeira, com diversos álbuns, que contavam através das fotos um pouco da nossa história.

Talvez esteja aí uma das grandes mudanças causadas pela fotografia digital, assunto que trataremos a seguir, perdeu-se o elo entre a fotografia e a forma como ela nos atinge emocionalmente. Com a nova tecnologia, os pais continuam tirando fotos dos seus filhos, mas não imprimem quase nenhuma imagem, e muitas vezes acabam perdendo o arquivo. Isso, acaba gerando uma falha no registro de momentos importantes que não foram documentados.

O assunto que se segue tratará sobre as primeiras descobertas sobre a nova tecnologia: a da fotografia digital.

2.5 Os Primeiros Estudos para a Fotografia Digital

A fotografia digital é fruto de uma nova tecnologia que surgiu durante a Guerra fria, no programa espacial norte-americano. As primeiras imagens registradas sem filme foram feitas da superfície de Marte, e foram capturadas em 1965 por uma câmera de televisão a bordo da sonda Mariner 4, que havia sido lançada no espaço no ano de 1964. Ao todo foram 22 imagens em preto e branco, com apenas 0,04 megapixels. Essas imagens obtidas não eram totalmente digitais, já que a captura era realizada através de sensores com princípios analógicos

televisivos, mas mesmo assim acabaram tendo valor e sendo precursoras de uma nova fase no ciclo da fotografia. Isto é, a fotografia entra para o mundo virtual.

A justificativa para esta nova invenção foi baseada na necessidade de transmissão das descobertas feitas por sondas que não retornariam à Terra, uma vez que simplesmente sumiriam no espaço. O primeiro sensor para a fotografia digital, o CCD (*charge-coupled device*) foi criado em 1969, nos laboratórios Bell. A primeira versão foi comercializada em 1973, sendo obra da *Fairchild Imaging*. Com ele era possível capturar imagens de 0,01 megapixels. Em 1975 a Kodak apresentou o primeiro protótipo de uma câmera sem filme, com base no CCD da *Fairchild*. O equipamento pesava quatro quilos e gravava as imagens em uma fita cassete, uma imagem a cada 23 segundos.

Em 24 de agosto de 1981, exatos 142 anos e 05 dias após a Academia de Ciência de Paris apresentar ao mundo o processo da daguerreotipia, o presidente da Sony, a poderosa multinacional japonesa, convocou a imprensa para anunciar uma invenção que muitos acreditavam que iria modificar o que chamamos de fotografia, o sistema *MAVICA*, abreviatura de *Magnetic Video Camera*, seu lançamento estava previsto para o ano de 1983. Ainda não era uma câmera fotográfica digital, porém sua invenção foi um grande avanço no campo da tecnologia digital. A *MAVICA* era uma adaptação das câmeras de vídeo produzidas pela Sony, devido a isto, a invenção não era considerada uma câmera fotográfica digital, e sim, uma câmera de captura de imagens estáticas. Ela não utilizava película envolta em uma emulsão de grãos de prata, mas sim um suporte digital que capturava imagens. A imagem era capturada da câmera em forma de sinais, num pequeno disco magnético, que armazenava as imagens. Quando este disco magnético estivesse sem espaço para armazenar novas imagens, estas eram transferidas para um computador ou mesmo deletadas, sendo assim, era possível reaproveitar o disco para a captura de novas imagens.



Figura 5: MAVICA - *Magnetic Video Camera*

Fonte: <http://www.sonyinsider.com/2009/03/11/akio-morita-and-1981s-mavica-electronic-camera/>

A Kodak lançou em 1991, a primeira câmera digital profissional, DCS – 100, com um sistema que garantia que, o que o fotógrafo estava vendo era o que realmente seria fotografado. A câmera utilizava o corpo da Nikon, e suas imagens tinham resolução de 1,3 megapixels. Alguns anos depois, outras marcas como a Fuji e a Nikon, também lançaram seus modelos de câmeras digitais no mercado.

No primeiro momento as imagens obtidas possuíam baixa resolução, ou seja, pouca qualidade na imagem, não havia como mostrar detalhes. Isto fazia com que a fotografia digital não obtivesse a principal característica da fotografia tradicional: a ideia da perfeição.

Nesse sentido, Kubrusly lembra:

Se por um lado o novo sistema compromete a “perfeição” que sempre caracterizou a imagem fotográfica, desde os daguerreótipos, por outro, a torna compatível com a tecnologia de processamento de sinais e, em particular com a forma dominante de processamento da imagem: o vídeo (KUBRUSLY, 1983, p.27).

Durante o século XX algumas invenções como o computador e a câmera digital, auxiliaram as descobertas sobre a “nova” fotografia. A fotografia digital surge em um cenário com grandes questionamentos sobre o conceito fotografia. Tudo o

que ela representa, o deslumbramento que encantou os artistas e a sociedade, a obtenção da técnica na concretização da imagem e as novas possibilidades advindas com a invenção da fotografia digital.

O que a fotografia oferecia através da captura do instante, que ficaria documentado numa imagem, a certeza que aquele momento ficaria eternizado numa fotografia, acaba não sendo totalmente possível como esse novo formato. Diante da nova tecnologia os indivíduos questionam principalmente a autenticidade da fotografia, pois existe agora a hipótese da manipulação e alteração completa da imagem.

As mudanças do sistema analógico para o digital foram extremamente profundas e aconteceram de maneira muito rápida, houve uma enorme revolução no sistema das imagens e, inúmeras alterações para o fotógrafo profissional. Com a fotografia digital o mundo das imagens se tornou mais ágil, hoje é possível enviar um arquivo para qualquer lugar em apenas alguns minutos.

O ambiente profissional também passou por alterações, os fotógrafos passaram a ter que dominar muito mais o seu equipamento, cada detalhe, agora mais do que antes, e isso faz uma grande diferença. Não que a fotografia analógica fosse fácil, mas comparada com a digital, ela não necessita de tantos detalhes para o produto final ter o resultado satisfatório. Com a fotografia digital foi necessário aprender a dominar programas gráficos, pois após a captura da imagem, é preciso transferi-la para um computador. Neste contexto é que surgiram os grandes desafios, pois tornou-se primordial o aprendizado e as atualizações a cada instante ou a cada novidade do sistema.

No Brasil, as câmeras digitais começaram a ganhar destaque somente no final da década de 90, quando se popularizaram, devido a isto, ainda não pode ser encontrado um vasto material sobre o assunto, o que encontramos nas livrarias são manuais e guias, voltados para a fotografia amadora e não referências que tratem da mudança de paradigma em si, ou avaliem esse novo processo.

Entretanto, o que se verifica é que na prática, não há como negar as facilidades obtidas através do novo sistema, porém houve um empobrecimento na busca da imagem, pois na fotografia digital o resultado é visto no instante do *click*, o que acaba favorecendo em algumas situações. Como por exemplo, na publicidade, hoje, é possível persistir na obtenção da iluminação perfeita para que o resultado obtido seja realmente o idealizado. Atualmente para a produção de uma fotografia,

são realizados um número bastante expressivo de *clicks*, até a obtenção da imagem desejada, na fotografia analógica a busca pela perfeição era permanente, pois como vimos anteriormente, ela não permitia o erro.

Nos dias atuais, com a popularização da câmera digital, principalmente as utilizadas para uso doméstico, houve uma crescente desvalorização do conceito da fotografia, até então utilizada para registrar momentos considerados mais do que importantes, únicos, que deveriam ser eternizados numa fotografia. Hoje, ocorre mais do que o registro, não há a necessidade de um motivo para tirar fotos, isso se verifica principalmente entre os adolescentes, que a cada instante criam uma nova mania para tirar fotos, seja para colocar em sites de relacionamento ou mesmo deixar arquivadas no computador. De certo modo podemos dizer que houve certa banalização do ato de fotografar.

A fotografia surgiu para ajudar os pintores no desenvolvimento de suas artes, muitos a rejeitaram, outros tiveram medo do novo, mas com o passar do tempo ela foi sendo utilizada para diversos fins, tornando-se até mesmo um veículo de comunicação de massa.

Vimos até aqui que a fotografia percorreu diversos caminhos desde a sua invenção, e a cada nova possibilidade transforma-se em um novo produto, seja através da publicidade e propaganda, dos livros ao qual ilustra ou mesmo na criação de algum novo artista.

3 MUDANÇAS POSSIBILITADAS PELAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TICs

Com a segunda revolução industrial no século XIX, e ainda o surgimento das novas tecnologias no início do século XX, verificou-se uma mudança nos meios de comunicação, principalmente nas técnicas de reprodução audiovisual (rádio, cinema, fotografia). Neste cenário surge o capitalismo baseado na competitividade, o Estado torna-se intervencionista e a economia perde um pouco da sua autonomia, passando a ser baseada no consumo de bens, verifica-se ainda, o surgimento de uma sociedade de consumo. Essas modificações fazem com que a sociedade perceba e conheça a sua cultura e a sua arte, havendo assim uma aproximação entre o homem e as novas formas de comunicação.

Os meios de comunicação são responsáveis pelo fluxo de informações que chegam à sociedade, devido a sua potencialidade, são também, de certa forma, responsáveis pela mudança ocasionada no comportamento desta. De acordo com Rüdiger (1999), há uma intensa relação entre a mídia e o indivíduo, muitas vezes, ela se aproveita desta situação para condicionar sua própria opinião. Sabendo dessas características, o Estado apropria-se desta ferramenta para disseminar seus pensamentos, utilizando-a como instrumento de poder.

O conceito mídia inúmeras vezes é associado aos meios de comunicação de massa. Esta associação deve-se a relação estabelecida na época da Escola de Frankfurt, onde o termo foi discutido, sendo muitas vezes entendido como um modelo de meio de comunicação, segundo os estudiosos da escola, havia um sistema capaz de produzir um determinado conteúdo que pudesse atingir de maneira impactante a massa.

Uma série de manifestações da cultura, e o surgimento de uma “nova indústria”, a de lazer e entretenimento, que atinge diversos segmentos da população, são alguns acontecimentos que estão diretamente envolvidos no aparecimento do fenômeno cultura de massa. Este fenômeno teve como principal característica, a utilização dos novos meios de comunicação, como o rádio, o jornal impresso, o cinema, etc., para difundir a cultura e os anúncios (propaganda), isto, devido a sua capacidade de atingir ao mesmo tempo, as diversas camadas da sociedade.

O surgimento dos meios de comunicação de massa representou uma ruptura na visão do conceito de cultura e arte. Da mesma forma como no século XIX, o surgimento da fotografia foi duramente criticado pelos artistas da época, apontando a fotografia como a responsável pela destruição da arte. A visão crítica estabelecida pelos estudiosos apresenta os meios de comunicação de massa e os produtos produzidos e comercializados por eles, como a degradação da cultura. A cultura perde o seu valor de importância, passa a ser padronizada e é transformada em mercadoria capitalista, que tem como seu maior objetivo o lucro.

A cultura de massa é a transmissão de uma mensagem idêntica para públicos que podem ser até heterogêneos, porém possuem o mesmo perfil de consumo. De acordo com Morin (1997) “A cultura de massa é, portanto, o produto de uma dialética produção-consumo, no centro de uma dialética global que é a da sociedade em sua totalidade.” (MORIN, 1997, p. 47).

Nesse mesmo cenário, muitos filósofos, estudiosos da cultura, discutiram o surgimento das novas mídias e a utilização dos novos meios de comunicação nos regimes totalitários. Esses novos meios de informação foram explorados com objetivo político, a facilidade com que as mensagens chegavam até os indivíduos, fez com que isso se tornasse um meio de poder dos regimes totalitários perante a sociedade, sendo muito bem utilizado para a manipulação da “massa”, devido a sua principal característica, a capacidade de atingir simultaneamente inúmeras camadas da sociedade.

Como surgimento das novas mídias, os estudiosos da época, vislumbraram um novo meio de comunicação, nascendo junto a este movimento duas linhas de pensamento. A primeira estava interessada em descobrir como o homem interagiria com as novas mídias, estudando as questões mercadológicas e práticas dessa interação, não havia uma preocupação com os conteúdos que seriam apresentados pelos novos meios de comunicação. Já a segunda estava diretamente envolvida na análise desses conteúdos, pois estava preocupada com a ampliação da cultura e principalmente com a vulgarização da arte. Essas escolas ficaram conhecidas como Escola de Chicago e Escola de Frankfurt respectivamente.

O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, fundado em 1923, teve sua base no desenvolvimento da teoria crítica da sociedade, seguindo o posicionamento de alguns filósofos que apontavam uma crise cultural e política. Escola de Frankfurt foi o nome utilizado pelo Instituto somente a partir dos anos 60, após o exílio de alguns

de seus membros nos Estados Unidos, esses fugiam dos regimes totalitários que estavam acontecendo na Europa.

Como bem lembra Rüdiger,

O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, fundado em 1923, começou a se tornar influente oito anos mais tarde, quando sua direção foi entregue ao filósofo Max Horkheimer. O coletivo reunido à sua volta decidiu então elaborar um programa de pesquisa social interdisciplinar, estruturado para servir de base a uma teoria crítica da sociedade (RÜDIGER, 1999, p. 13).

Por volta de 1937, a Fundação Rockefeller, através da Universidade de Princeton, inicia uma pesquisa sobre o rádio nos Estados Unidos. Era um veículo novo que ainda não era muito explorado pela indústria americana. O objetivo da pesquisa era verificar a interferência do rádio na vida das pessoas, até que ponto havia uma influência e, quais as razões para o acompanhamento da programação. A pesquisa foi dirigida por Paul Lazarsfeld, que mobilizou uma grande número de pessoas. Lazarsfeld foi um dos grandes nomes envolvidos nos estudos de mídia no século XX.

O livro *Dialética do Esclarecimento* teve sua origem em uma pesquisa científica iniciada pelo filósofo Theodor Adorno. Ele recebeu um convite de Lazarsfeld, para desenvolver uma pesquisa baseada na idéia de estabelecer uma (inter) relação entre o modo como eram utilizados os veículos de comunicação norte americanos e a teoria vinda da Europa. Porém devido as divergências entre a teoria européia e a prática dos veículos de comunicação americanos, a pesquisa não pode ter continuidade. A pesquisa era financiada pela Fundação Rockefeller, o que impossibilitou sua continuação, pois Adorno defendia a idéia que a cultura estava sendo extinta, devido a maneira como era “vendida”. Segundo o filósofo, a cultura tornara-se mercadoria. A visão americana estava baseada na análise mercadológica do consumidor e se o produto estaria adequado a ele.

Dois dos principais nomes do grupo que formou a chamada Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, refugiaram-se nos Estados Unidos, fugindo do nazismo de Hitler. Em 1947, utilizaram pela primeira vez o conceito Indústria Cultural, em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, o termo indústria cultural foi adotado a partir dessa publicação, para substituir a expressão até então utilizada,

cultura de massa, “os pensadores frankfurtianos criaram o termo para fugir das associações ideológicas contidas no termo *cultura de massas*” (RÜDIGER, 1999, p. 18), a partir daí observou-se uma dura crítica a indústria cultural.

3.1 Indústria Cultural

Os filósofos Adorno e Horkheimer criticavam intensamente a indústria cultural devido ao que presenciaram na Europa, principalmente na Alemanha quando Hitler assumiu o poder. De acordo com Rüdiger (1999), “[...] os autores puderam assistir também à maneira como esses meios e situações foram habilmente explorados, com objetivos políticos, pelos movimentos totalitários. [...]” (RÜDIGER, 1999, p. 52).

O nazismo apropriou-se dos novos meios de comunicação como auxílio na propagação de seus discursos, uma competente política de comunicação foi desenvolvida por Goebels, ministro da propaganda do governo nazista. Em 1933 quando Hitler assumiu o poder, o partido nazista já havia influenciado na nomeação dos diretores das rádios, pois na Europa, o rádio foi criado como um sistema público, ou seja, era um sistema controlado pelo Estado. O primeiro entendimento que Adorno e Horkheimer tiveram dos meios de comunicação de massa, está relacionado às ideologias políticas, a manipulação exercida pelos nazistas, que utilizaram-se principalmente do rádio como instrumento para ampliação do seu totalitarismo. Para os autores, o rádio e o cinema são meios de comunicação que auxiliaram na difusão da ideologia nazista.

A indústria cultural foi criticada por muitos estudiosos, pois eles acreditavam “que o progresso técnico era um fator de embrutecimento cultural. [...] a propaganda, o rádio e o cinema estavam a empobrecer o espírito [...]” (RÜDIGER, 1999, p. 54). George Duhamel criticou o cinema de forma árdua, deixando clara a sua posição em relação à arte, seria ela para indivíduos dotados de inteligência “o cinema é passatempo [...], para criaturas miseráveis [...] um espetáculo que não requer esforço, que não supõe continuidade de idéias [...]” (BENJAMIN apud RÜDIGER, 1999, p. 54).

Adorno e Horkheimer desenvolveram a partir do seu conceito Indústria cultural, toda uma crítica relacionada à arte e a cultura. Com o desenvolvimento da

indústria cultural foi possível estabelecer uma forma de classificar consumidor e produto, de acordo com o potencial de consumo do indivíduo.

Rüdiger diz que:

Historicamente, o desenvolvimento da indústria cultural coincide com a formação de grupos econômicos interessados na exploração das atividades culturais e o formidável crescimento do mercado de bens de consumo ocorrido nas primeiras décadas do século. A comercialização da cultura vai ao encontro dos interesses do capital ao mesmo tempo em que os capitalistas começam a ter interesse em criar uma nova cultura. A publicidade é o principal motor desse processo, na medida em que tanto lhe serve de estímulo como fornece as técnicas com as quais a indústria da cultura se apresenta a sociedade (RÜDIGER, 1999, p. 21).

O termo Indústria Cultural é a forma como os filósofos Adorno e Horkheimer, se referem aos meios de comunicação de massa e o que eles produzem para ser veiculado para os públicos. Eles condenam a indústria cultural devido às características de massificação da arte e a venda da cultura, onde esta seria simplificada, e seu conteúdo transformado, sendo transmitida pelos meios de comunicação de massa para o grande público, “a transformação da mercadoria em matriz de cultura e, assim, da cultura em mercadoria [...]” (RÜDIGER, 1999, p. 16).

Os filósofos Adorno e Horkheimer afirmam ainda que, toda cultura de massa é idêntica, não importando o país de origem (referem-se à Europa e Estados Unidos), pois a partir do momento em que a indústria cultural é financiada por quem detém o capital e/ou poder, a cultura passa a ser tratada como um negócio, não havendo preocupação com a produção artística, ou seja, tudo passa a ter valor mercadológico. A cultura passa a ser padronizada, comercializada, e seus produtos tornam-se uma série de reproduções idênticas.

Surge um novo nicho no mercado cultural, logo as empresas comerciais percebem como o novo mercado é lucrativo. Crescem as demandas culturais das massas, e o avanço da tecnologia possibilita a produção a baixo custo, aumentam as vendas de livros, quadros, periódicos, etc.

De acordo com Rüdiger,

[...] Os consumidores tornam-se parte de um único complexo mercantil, formado pelo conjunto das corporações privadas e meios de comunicação e através do qual se processa e estrutura sua subjetividade. As mercadorias se transformam, como imagens, no próprio conteúdo da mídia, passando a construir um só processo com ela, nos diversos contextos da vida em sociedade (RÜDIGER, 1999 , p. 17).

Neste processo as criações artísticas deixam de ter valor cultural, sendo submetidas às regras do mercado capitalista, baseado na idéia e na prática de consumo, como “produto” cultural, passando a fazerem parte de uma nova atividade econômica, a fabricação em série. Sob o aspecto da política capitalista, as obras de arte tornam-se mercadorias, há a perda da aura¹.

Para Adorno e Horkheimer, a reprodução técnica da obra de arte, representa a transformação da arte em mercadoria, assim como aconteceu com a cultura, tornando evidente uma nova prática de consumo capitalista, a fabricação em série. Para os filósofos a indústria cultural representa a vulgarização da arte através dos veículos de comunicação de massa. Desta forma, o cinema e o rádio, não poderiam ser classificados como arte, pois para eles era apenas um negócio, visto que seriam utilizados como bens culturais, existiam apenas para fins comerciais.

Para Rüdiger,

[...] o conceito de indústria cultural tem a ver com a expansão das relações mercantis pelo conjunto da vida social, em condições de crescente monopolização, verificadas a partir primeiras décadas do século. No princípio, o fenômeno consiste em produzir ou adaptar obras de arte segundo um padrão de gosto bem sucedido e desenvolver as técnicas para colocá-las no mercado (RÜDIGER, 1999, p. 16).

A indústria deve ser encarada por um outro ponto de vista. Deve ser entendida como aquela que produz uma nova mercadoria, que transmite valores para as pessoas, valores esses que não devem ser julgados como bons ou ruins, e também não deve ser vista como uma organização que vende a cultura e a arte. As indústrias voltadas a cultura de massa, possuem uma produção em grande escala, por exemplo, os jornais diários tem uma tiragem muito grande, o rádio possui uma

¹ Conceito de Walter Benjamin. A aura que seria um elemento único, ligado a sua originalidade

programação pré-fixada, o que facilita a produção, segue um padrão, e esses aspectos favorecem um baixo custo e o aumento do consumo.

Esse processo foi analisado de uma forma muito negativa por Adorno e Horkheimer, a crítica desenvolvida por eles, estava baseada na transformação da arte e até mesmo da cultura em mercadoria capitalista. Para eles, tudo estava ligado ao capitalismo, e por isso a cultura também tornara-se mercadoria.

O autor Umberto Eco desenvolveu uma obra intitulada *Apocalípticos e Integrados*, em que apresenta uma divisão entre os adeptos da crítica a indústria cultural e os que defendiam a cultura de massa. Os apocalípticos eram os que acreditavam nas críticas à indústria cultural elaborada por Adorno e Horkheimer, onde esses explicitavam os males sofridos pela cultura, devido a democratização da arte, e a permissão e acesso a cultura pela massa. Já os integrados, eram os estudiosos e os intelectuais que vislumbravam naquele contexto a possibilidade da cultura e da arte tornarem-se universal, onde todos pudessem ter acesso e, de certa forma, permitir que todos pudessem obter um maior e melhor conhecimento onde “ [...] a televisão, o jornal, o rádio, o cinema [...] agora colocam os bens culturais à disposição de todos [...] estamos vivendo uma época de alargamento da área cultural [...] a circulação de uma arte e de uma cultura “popular” “ (ECO, 1993, p. 09).

Segundo Rüdiger (1999), logo após a I Guerra Mundial, alguns intelectuais se manifestaram a favor “dos novos meios e artes industriais” (RÜDIGER, 1999, p. 55). Os intelectuais acreditaram na existência de uma nova era na cultura, onde as imagens ganharam mais visibilidade e a cultura passou a interagir com a massa.

O autor (1999) afirma ainda que, para Bauhaus, é o momento de a imaginação passar a ser vista como uma técnica da indústria, para que seja possível uma aproximação entre arte e cotidiano. Um dos intelectuais da época, Moholy-Nagi, muitas vezes “salientou em especial o potencial da imagem fotográfica” (RÜDIGER, 1999, p. 55). “A câmera, dizia, é um artefato técnico que influi em nossa maneira de ver e criar um novo olhar” (RÜDIGER, 1999, p. 55).

Moholy-Nagi era publicista, e acreditava que o que importava nas técnicas de reprodução, uma novidade na época, era a forma de dar um novo sentido às obras, onde pudesse transparecer a sua modernidade. De acordo com Rüdiger (1999), Moholy-Nagi afirmava que “os analfabetos do futuro serão os ignorantes do uso da caneta tanto quanto da câmera” (RÜDIGER, 1999, p. 55).

A obra de arte e a cultura passaram por uma revolução. Ao ser reproduzida tecnicamente, a obra de arte causa uma discussão no meio cultural, não há mais como manter o conceito de arte da burguesia, inicia-se então a transformação da cultura de elite em cultura de massa.

Assim como fez Umberto Eco em seu livro *Apocalípticos e Integrados* (1993), Rüdiger (1999) também dividiu em dois grupos os que discutiam o surgimento da cultura de massa. Ele chamou de conservadores culturais os que condenavam o aparecimento da “arte de massa” devido ao seu “aparecimento pela concepção bárbara e dependência às técnicas industriais, que ameaçava os valores culturais dominantes na sociedade” (RÜDIGER, 1999, p. 59). O Outro grupo, Rüdiger (1999) chamou de intelectuais progressistas, e afirma que eles saudaram “a nova cultura” pela sua característica tecnológica que possibilitaria a democratização.

Dentre os intelectuais progressistas estão Siegfried Kracauer e Walter Benjamin, que de acordo com Rüdiger (1999), estão situados as margens da escola de Frankfurt, devido aos textos que produziram, sobre a ascensão das massas e as novas tecnologias.

Os pensadores como Bauhaus, Moholy-Nagy ficaram entusiasmados com os avanços verificados nos meios técnicos, acreditando então que estava por começar uma nova era, onde a cultura e a arte estariam acessíveis a um maior número de pessoas de forma democrática. Sigmund Kracauer e Walter Benjamin, também viram com otimismo a nova relação entre a arte e a sociedade, que estavam acontecendo através das transformações técnico-industriais. Nem mesmo por isso, eram otimistas ingênuos, eles sabiam de todos os problemas decorrentes do avanço das técnicas modernas, das guerras e dos inúmeros mortos, mas eles também vislumbraram a possibilidade de sua utilização de maneira positiva.

Até aqui falamos sobre: a crítica desenvolvida por Adorno e Horkheimer à indústria cultural, os estudiosos que defendiam a cultura de massa e a divisão, apocalípticos e integrados, apresentada por Umberto Eco. O desenvolvimento a seguir tratará sobre as mudanças ocorridas devido as novas tecnologias e da fotografia como ferramenta de reprodução, utilizando os conceitos de Benjamin.

3.2 A Obra de Arte e a Reprodutibilidade Técnica por Walter Benjamin

As mudanças ocorridas no final do século XIX e início do século XX, deixaram como uma marcante característica as novidades tecnológicas. Muitas foram as mudanças sofridas pela sociedade, devido ao surgimento dos novos meios de comunicação e da cultura de massa. Houve também uma crescente produção industrial, principalmente na área gráfica, desde a invenção da imprensa de tipos móveis com Gutenberg. Muitos jornais e revistas aumentaram suas tiragens, isso como consequência dos avanços alcançados nas áreas técnicas de impressão e reprodução, com esse cenário notou-se um aumento no público leitor. A litografia surge como um novo processo, que auxilia de maneira determinante na reprodução de imagens, em escala industrial, houve uma grande inserção dessas imagens na imprensa.

Conforme Benjamin,

Com a litografia, a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. Esse procedimento muito mais preciso, que distingue a transcrição do desenho numa pedra de sua incisão sobre um bloco de madeira ou uma prancha de cobre, permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa, como já acontecia antes, mas também sob a forma de criações sempre novas. Dessa forma, as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana (BENJAMIN, 1994, p. 166).

Pouco tempo depois, a fotografia entra nesse contexto, modificando de forma permanente a relação entre arte e técnica. A fotografia é muito mais do que uma técnica de reprodutibilidade, é uma arte com características distintas da pintura. Com a invenção da fotografia, foi possível obter-se uma reprodução de um quadro, sem que um artista tenha que “refazê-lo” para a obtenção da cópia. A partir da descoberta que possibilitou que a fotografia fosse utilizada com técnica de reprodução, o conceito de arte foi extremamente modificado no decorrer do século XX. Quando a fotografia surgiu, ela não foi vista como algo favorável pelos artistas, por algum tempo, muitos sentiram-se ameaçados com a nova invenção.

De acordo com Benjamin

Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral (BENJAMIN, 1994, p. 167).

O filósofo alemão Walter Benjamin (1994) afirma que, toda obra de arte desde sua essência sempre foi passível de reprodução. Desde os primórdios, o que o homem fazia poderia ser imitado por outro. E na obra de arte não é diferente, ela era imitada pelos discípulos dos grandes artistas, que no momento do exercício reproduziam as obras para melhorar a sua habilidade, e ainda , “pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro” (BENJAMIN, 1994, p.166).

Para Benjamin, a reprodução técnica possibilita a democratização da arte, desde que, sejam conservadas as características, ditas originais. Segundo o autor (1994), numa reprodução, sendo ela a mais perfeita, uma característica está ausente, “o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra” (BENJAMIN, 1994, p.167). Essa característica constitui o conteúdo, a autenticidade da obra de arte. Em seu texto Benjamin explica que a reprodução técnica possui mais autonomia que a reprodução manual. Por exemplo, quando uma obra for reproduzida através da fotografia, é possível evidenciar aspectos que a olho nu não são acessíveis. É possível também “graças a procedimentos como a ampliação ou a câmara lenta, fixar imagens que fogem inteiramente à ótica natural.” (BENJAMIN, 1994, p.168).

A partir de uma fotografia e também da reprodução técnica, foi possível mostrar para os indivíduos as obras produzidas por artistas que até então eram desconhecidos, houve uma grande aproximação da sociedade com a arte, e do artista com o público.

De acordo com o filósofo Benjamin (1994), uma obra de arte ao ser reproduzida, perderia sua “aura”, que seria um elemento único, ligado a sua originalidade. Porém com a técnica de reprodução da obra de arte, foi possível que um maior número de pessoas tivessem acesso a obras que antes só poderiam ser encontradas em museus, ou ainda, em alguma exposição de um grande

coleccionador. Uma nova política na área artística passa a ser discutida, pois surge a “era da cultura e da arte” acessível a massa.

Benjamin julga a perda da aura da obra de arte, como um declínio da arte tradicionalmente conhecida como única, e avalia a reprodução como o “surgimento da obra de arte tecnológica.” (RÜDIGER, 1999, p. 64). No atual processo da modernidade há a necessidade da informação através da imagem, a fotografia possibilita o indivíduo ir além, a partir dela pode-se verificar acontecimentos que ocorreram antigamente, ou mesmo registrar os que estão acontecendo agora.

Desde a descoberta da fotografia, mas principalmente com a sua popularização, a pintura passa por um período de análise, passando por uma reflexão sobre qual é o seu papel. Com a técnicas de reprodução a pintura, a fotografia e as artes em geral, passaram a ser reproduzidas em larga escala, tornado-se um objeto de consumo na cultura de massa.

De acordo com Rüdiger

As fotografias – por exemplo – se multiplicam no mesmo ritmo em que o número de amadores suplanta os seus artistas, passando a tomar como tema o cotidiano e os rostos anônimos da multidão. [...] As reproduções têm um valor de exposição [...] (RÜDIGER, 1999, p. 66).

A fotografia passa assim, a ser o marco entre a arte que possui aura e a arte tecnológica. Agora é possível ver a arte no cotidiano dos indivíduos, verifica-se a descentralização da arte burguesa, e a transformação radical do conceito de representação e reprodução da arte. O próximo assunto deste capítulo abordará essa aproximação da arte com os indivíduos e as novas possibilidades que surgiram a partir da cultura de massa.

3.3 As Possibilidades e Vantagens da Cultura de Massa

Houve uma grande mudança no cenário das artes com o surgimento dos meios de comunicação de massa. Existiu a partir desse momento uma ruptura no

cenário, onde surgem os sistemas industriais de comunicação, sistemas que produzem bens de consumo e também imagens que podem ser disseminadas a muitos lugares. Uma característica comum nesse contexto é a utilização de máquinas. Por isso, a comunicação de massa está fortemente ligada a revolução industrial e ao capitalismo, desde então, a arte e a comunicação puderam criar uma relação.

A cultura de massa possibilitou a expansão da arte, fazendo com que mais indivíduos tivessem acesso a cultura. Essa mudança social deixou como grande marca a democratização da cultura, a partir de então teve início a expansão da arte, tornando possível o mais amplo conhecimento das diversas realidades, com esse movimento surge também mudanças no mercado.

Muitos artistas e estudiosos, em inúmeras oportunidades questionaram esse avanço da cultura. Eles afirmavam que a arte estava sendo banalizada, comercializada pelo capitalismo. Sendo que a maior mudança foi a possibilidade de conhecimento e acesso a um novo mundo.

Com o surgimento da cultura de massa e os novos meios de comunicação, foram necessários diversos estudos sobre o perfil dos consumidores. Foi preciso estabelecer uma conexão entre o consumidor e o mercado, verificar suas preferências, seu nível de consumo, para assim, oferecer produtos adequados a cada tipo de público. Devido ao crescimento do mercado, foi possível também, oferecer ao consumidor uma maior variedade de opções, a um custo inferior, isso ocorreu em consequência da produção em escala.

As mudanças do mercado fizeram com que os artistas se popularizassem, suas obras puderam ser apreciadas por um público em maior número, deixando de ser vislumbrada apenas pela minoria elitista e, tornando-se conhecimento e cultura para o grande público. Alguns podem questionar por não entenderem por completo a intenção do artista, mas muitos ficarão maravilhados com a possibilidade de conhecer o novo e questionar o que antes parecia tão distante e até mesmo abstrato.

Uma das primeiras formas de comunicação de massa estabelecidas através de um veículo de comunicação é o jornal diário. A partir de então, a sociedade passou a ter acesso ao mundo, com informações e notícias que surgem diariamente em nosso cotidiano. Com o aparecimento do jornal diário, outras atividades artísticas também ficaram em evidência, como por exemplo, a fotografia, o desenho, a

caricatura, etc. Com o surgimento da cultura de massa, a publicidade e propaganda teve como sua grande aliada a fotografia. Muito pode ser dito através da fotografia, foi possível conquistar o público com uma imagem que representasse o desejo do consumidor, e isso tudo se refletiu no consumo, uma das principais características da cultura de massa.

Agora os bens culturais estão à disposição de todos, estamos vivenciando uma época onde há muita informação, onde são apresentados vários tipos de culturas, onde a arte é disponibilizada a todas as classes, não importando se a cultura está sendo produzida e operada para todos os níveis da população.

Com o desenvolvimento das tecnologias, foi possível a reprodução das obras de arte de forma industrial, como por exemplo, nos livros, que além de transmitirem o conhecimento através da leitura, também podem apresentar uma imagem que complemente o aprendizado. Hoje é possível encontrar em um livro a imagem do quadro da Mona Lisa, pintado pelo artista Leonardo da Vinci, ou mesmo a imagem de uma pintura de Picasso. Pode não ser possível ainda o entendimento de todo contexto histórico da pintura, mas permite o acesso que antes era negado a maioria da população.

3.4 Culturas e Suas Influências na Sociedade

Ao longo dos anos muito foi discutido e modificado em relação à cultura. Desde Adorno e Horkheimer como o conceito de Indústria Cultural e ainda as mudanças promovidas pelos meios de comunicação de massa, não apenas no entretenimento, mas de um modo geral em todas as mensagens recebidas pela sociedade.

Segundo Lucia Santaella (2003), toda e qualquer formação social apresenta três territórios ligados entre si, são eles: o econômico, o político e o cultural. A autora diz ainda que, mesmo de forma simplificada, essa divisão serve para mostrar o lugar da cultura na sociedade.

Para a autora,

[...] há duas concepções básicas de cultura, as humanistas, de um lado, e as antropológicas, de outro. As primeiras são seletivas, concebendo como culturais apenas alguns aspectos da produção humana. [...] As antropológicas são não-seletivas, pois aplicam o termo cultura à trama total da vida humana numa dada sociedade [...] (SANTAELLA, 2003 p. 51).

Até a metade do século XIX, era possível observar dois tipos de cultura na sociedade ocidental: a cultura das elites (erudita) e a cultura popular. Santaella (2003) afirma que, o surgimento da cultura de massa e toda revolução causada pelos “meios de reprodução técnico-industriais” (SANTAELLA, 2003 p. 52), como o jornal, a fotografia, o cinema, e mais tarde o aparecimento dos meios de comunicação eletrônicos como o rádio e a televisão, “produziu um impacto até hoje atordoante naquela tradicional divisão da cultura, em erudita, culta, de um lado, e cultura popular, de outro” (SANTAELLA, 2003 p. 52).

A partir desse cenário, a cultura de massa, tende a anular a divisão entre as duas culturas, passando a interagir igualmente como toda a sociedade, “disso resultam cruzamentos culturais em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial mesclam-se [...] próprios das culturas urbanas” (SANTAELLA, 2003, p. 52).

Com o crescente desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, no século XX, foi possível observar que não havia uma clara distinção entre “o popular, o erudito e o massivo. [...], a partir dos anos 80, com o surgimento das novas formas de consumo cultural propiciadas pelas tecnologias [...]” (SANTAELLA, 2003 p. 52). Com as novas tecnologias surgem bens de consumo capazes de despertar nos indivíduos a curiosidade, mas principalmente a possibilidade de escolha, de qual produto irá consumir.

Santaella (2003) explica que as mudanças ocorridas nos meios de comunicação criou uma “rede de complementaridade” (SANTAELLA, 2003 p. 52), que em 1992 chamou de *cultura das mídias*².

De acordo com a autora

² Livro de Lucia Santaella lançado em 1992.
SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

[...] essa denominação de *cultura de mídias*, procurava dar conta de fenômenos emergentes e novos na dinâmica cultural, quer dizer, o surgimento de processos culturais distintos da lógica que era própria da cultura de massas. Contrariamente a esta que é essencialmente produzida por poucos e consumida por uma massa, [...] a cultura das mídias inaugura uma dinâmica [...], começava a possibilitar aos seus consumidores a escolha [...] (SANTAELLA, 2003, p.52 -53)

A era da cultura de mídias, explicitada por Santaella (2003), possibilitou uma maior variedade de conteúdo disponível a sociedade, mesmo cada mídia tendo sua função específica, há uma interligação, onde quem se beneficia é a cultura, que passa a ser distribuída em todos os setores, porém propiciando a escolha e o consumo de maneira individual, o contrário do consumo na cultura de massa.

Com a popularização do computador, mas principalmente da internet, houve um aumento do número de indivíduos, que passaram a fazer uso do “mundo virtual” como uma ferramenta de lazer e de entretenimento e, posteriormente como forma de cultura. Como consequência desse cenário, Santaella (2003a) apresenta, como característica principal uma convergência das mídias, onde a cultura de massa e a cultura das mídias são responsáveis pela produção, divulgação e circulação das informações, “[...] uma das marcas registradas da cultura digital” (SANTAELLA, 2003a, p. 27).

Muito foi discutido sobre as novas tecnologias e o acesso que os indivíduos teriam ao novo. Desde a passagem dos meios de produção artesanais para os meios de produção industriais que a sociedade, de um modo geral, discute o acesso ao novo. Foi assim que ocorreu com a invenção da fotografia, por exemplo, onde muitos acreditavam que a pintura desapareceria, assim como, não acabou o teatro com a invenção do cinema, nem mesmo após a invenção de Gutenberg o livro não desapareceu.

Há sempre uma renovação de tecnologias, mas mesmo assim, a produção de cultura se adapta a cada novo meio de difusão. O avanço das tecnologias digitais e a “revolução da informação e da comunicação [...] vem sendo chamada de revolução digital [...] a possibilidade aberta pelo computador de converter toda informação [...] em uma mesma linguagem universal” (SANTAELLA, 2003, p. 59).

A partir desse cenário verificou-se uma mudança na produção cultural, devido a ligação que surge entre a informática e os meios de comunicação, onde o acesso e a troca de informação ocorre num fluxo constante, o que muito autores chamaram

de cultura digital ou cibercultura. De acordo com Lévy apud Santaella (2003), com essas mudanças, ocorreria a fusão da informática com as telecomunicações e com as mídias, criando assim uma “indústria unificada da hipermídia” (SANTAELLA, 2003, p. 60)

Como consequência³ da tecnologia digital, o acesso ao computador e a internet, hoje é possível superar os limites das outras mídias, como rádio, televisão, jornal, revista, e compartilhar todo tipo de informação – textos, imagens, músicas, vídeos - a qualquer momento para qualquer parte do mundo. Atualmente estamos vivenciando a era digital, juntamente com a instantaneidade, onde tudo é muito rápido, o que hoje está circulando pelo mundo das notícias, daqui a uma hora já está ultrapassado. Através dessas características que muitos meios de comunicação tiveram que interagir com o mundo virtual.

Há uma grande diversidade de mídias que já disponibilizam para seus públicos o acesso a alguns conteúdos via internet, é o caso de várias revistas, que colocam em seu site as matérias que são destaque das edições, ou ainda as rádios , que possibilitam aos seus ouvintes acompanharem a programação em tempo real, tudo isso via internet.

Hoje, os jornais impressos quando chegam às bancas já estão desatualizados, mesmo seu fechamento tendo ocorrido na madrugada, muitas notícias já são consideradas “velhas”. Como uma forma de estar sempre atualizando o seu leitor, muitos jornais diários, optaram por ter uma versão *on line*, através dos portais, que são atualizados 24 horas por dia, além de fornecer ao seu consumidor a opção de ler pela internet a edição impressa. Com o surgimento desses portais, houve também uma maior aproximação com o leitor, que ao presenciar um fato, pode enviar via celular ou email para esse jornal, podendo seu fato virar uma notícia.

Para Santaella

Mudanças profundas foram provocadas pela extensão e desenvolvimento das hiper-redes multimídia de comunicação interpessoal. Cada um pode tornar-se produtor, apresentador, difusor de seus próprios produtos. [...] Isso significa que estamos entrando numa terceira era midiática, a cibercultura (SANTAELLA, 2003, p.82)

³ No processo digital há uma forma numérica que quantifica as informações, qualquer tipo de informação é reconhecida através de um código informático de forma binária, utilizando apenas dois números, 0 e 1, os chamados bits da informação. Esse sinal digital, transformado em bits, é reconhecido por qualquer computador, podendo ser texto, imagem, som, etc.

Apresentam-se nesse cenário, inúmeras possibilidades de relacionamento através da era digital. Há uma nova cultura sendo experimentada por diversos usuários da internet, e uma das características é a diversidade de espaço e tempo, pois, existe uma interação entre os indivíduos, não importando o lugar, o foco é a informação, o conhecimento e até mesmo o lazer. Muitas discussões têm se desenvolvido na internet sobre diferentes assuntos, mas o que eles têm em comum, são as ferramentas utilizadas, como por exemplo, *blogs*, sites de relacionamentos, etc., onde, através desses canais é possível estabelecer interação global. Utiliza-se a internet também para pesquisar variados assuntos, é como se as outras mídias estivessem dentro de uma nova mídia, que de um modo geral envolve a todas, de acordo com Santaella (2003) chamada convergência das mídias. Estabeleceu-se assim uma relação entre as mídias e o novo meio (virtual) onde é permitido aos usuários: criar, produzir, consumir, divulgar e principalmente interagir e compartilhar com toda a rede.

Até aqui abordamos neste trabalho, as discussões provocadas pela popularização da arte, as mudanças ocorridas na cultura e na sociedade, as possibilidades alcançadas através da reprodução da fotografia e o surgimento da era virtual. O capítulo que segue analisará, através de uma metodologia de pesquisa, as transformações sofridas pela fotografia com a transição do analógico para o digital e as quais foram as consequências dessa mudança.

4 AGORA É SÓ MAIS UM CLICK: ANÁLISE DE UM NOVO PROCESSO DE FOTOGRAFAR

4.1 Metodologia

De acordo com Gil (2008), pesquisa é um processo que segue determinadas regras, com a finalidade de desenvolvimento do método científico. Seu principal objetivo é obter respostas a partir de procedimentos científicos escolhidos.

É possível definir como pesquisa social “o processo que, utiliza a metodologia científica, permite a obtenção do campo da realidade social” (GIL, 2008, p. 26). A metodologia escolhida para um trabalho é um fator fundamental na busca pela eficiência dos resultados, mas está diretamente ligada ao objetivo proposto.

Neste trabalho utilizaremos como metodologia científica, a pesquisa qualitativa. Optou-se por essa metodologia devido às características do estudo. A pesquisa qualitativa é uma metodologia que não está baseada em medir, enumerar ou quantificar os dados de maneira estatística. É um importante método utilizado na obtenção de dados descritivos sobre indivíduos, lugares ou processos envolvidos no estudo, e proporciona uma melhor visão e percepção do problema.

Dentre os tipos de pesquisas qualitativas (Gil 2008): apresenta as exploratórias, as descritivas e as explicativas; a opção que melhor se adequa com o objetivo do trabalho é a pesquisa exploratória. Essa escolha teve como base as características da metodologia, que permitem uma melhor compreensão do problema pelos entrevistados, de forma ampla, onde o processo a ser seguido apresenta menor rigidez, ou seja, há uma flexibilidade.

Os dados da pesquisa foram obtidos através de entrevistas em profundidade, realizadas individualmente e semi-estruturadas, seguindo um roteiro de questões como base, para auxílio no interesse da pesquisa. Como afirma Duarte (2009) o objetivo da entrevista em profundidade “está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de um a situação ou estrutura de um problema” (DUARTE, 2009, p. 63). As entrevistas ocorreram entre setembro e início de novembro deste ano. No dia 13 de novembro foram enviadas 03 questões, através do orkut, objeto desta pesquisa, para o esclarecimento de alguns aspectos da

entrevista. Desde o início da pesquisa, os participantes foram informados do tema e do objetivo do trabalho, havendo sempre uma abordagem direta nas entrevistas. As respostas foram obtidas através do próprio *orkut* a partir de conversas descontraídas sobre o assunto e, também em algumas situações, as entrevistas foram realizadas face a face.

4.2 Objeto de pesquisa

De acordo com o tema proposto por este trabalho, foi utilizado como objeto de pesquisa o site de relacionamento *orkut*. Essa escolha ocorreu devido a sua popularidade e também por ser um site que é utilizado há bastante tempo. Outro aspecto levado em consideração na escolha do objeto foi o elevado número de usuários que têm grande quantidade de fotos expostas em seus perfis.

Duarte (2009) afirma que, a internet “é a forma mais fácil de perguntar [...] Pode ser particularmente útil para informações objetivas, assim como para introdução ou complemento de uma entrevista face a face” (DUARTE, 2009 p.77).

Os participantes dessa pesquisa foram escolhidos de forma aleatória, através da rede de relacionamento que temos no *orkut*, não sendo utilizados como indicativo, sexo nem mesmo faixa etária.

O *orkut*⁴ é uma rede social filiada ao google, seu objetivo é proporcionar aos seus membros novas amizades e manter relacionamentos. Foi criado em 24 de janeiro de 2004, pelo engenheiro do google, o turco Orkut Buyukkokten. No início seu público alvo eram os usuários americanos, mas verificou-se que atualmente a maioria dos usuários são brasileiros, por isso, desde o dia 05 de abril de 2005, o *orkut* ganhou uma versão em português. Disponibilizando inúmeros recursos para a busca de amigos, o *orkut* é o site de relacionamento que mais cresceu nos últimos anos. Ao fazer um cadastro no www.orkut.com.br, apresenta-se um questionário dividido em: social, profissional e pessoa. Com o preenchimento deste questionário é desenvolvido um perfil, que poderá ser visualizado de acordo com as

⁴ Informações obtidas através da Wikipédia, a enciclopédia livre. O assunto foi pesquisado nesse site devido a pouca bibliografia sobre o mesmo, dada a sua novidade.

configurações do usuário. É possível escrever depoimentos para os amigos, deixar recados e *postar* fotos. Essas fotos são distribuídas de acordo com o usuário, podendo ser divididas em álbuns.

Com o objetivo de esclarecer alguns pontos da entrevista, foram enviadas 03 questões para os indivíduos que compõem a pesquisa. No total 07 pessoas foram envolvidas no estudo.

O perfil dos participantes da pesquisa será apresentado a seguir. Serão descritas as características obtidas através das entrevistas, e respostas das encontradas no perfil de cada um deles, a quantidade de fotos, a divisão dos álbuns, se houver, e o gênero predominante das fotos⁵.

4.2.1 Perfil dos Participantes da Pesquisa

Laerte Silva tem 50 anos é natural de Porto Alegre, seu estado civil consta como casado. É sócio-diretor de uma empresa, o foco principal da sua empresa é prestação de serviços, especializada em produção de formaturas. Laerte é fotógrafo há 25 anos, começou com um *hobby*, mas com o passar do tempo acabou tornando-se profissão.

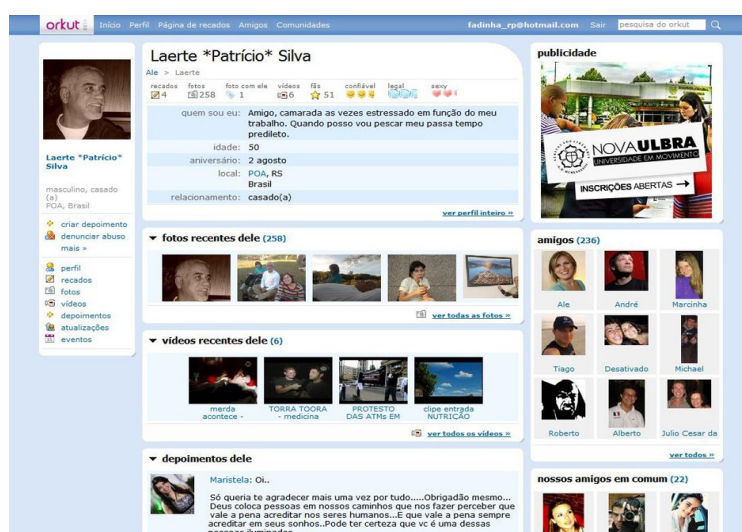


Figura 6: Perfil Laerte * Patrício* Silva
Fonte: Figura www.orkut.com.br

⁵ O tamanho dos *prints estão* de acordo com a visibilidade necessária para que seja possível a leitura das informações. É levado em consideração também o aproveitamento da página.

Laerte têm postadas em seu *orkut* 258 fotos, essas estão divididas em 08 álbuns: Álbum de Laerte, Meu trabalho – fotografias, Pescaria, Ribeirão Pequeno – Laguna / SC, Beju – Uma tradição que está desaparecendo, 2009 – Carnaval Ribeirão Pequeno, 10 anos Di Foccus Produções e Viagem. Sendo os dois mais numerosos, Álbum de Laerte e Perera 2009 – Carnaval Ribeirão Pequeno, cada um com 54 e 89 fotos respectivamente. O álbum de Laerte contém fotos pessoais de vários momentos da sua vida, já o outro, são fotos de do carnaval de 2009 de Ribeirão Pequeno em santa Catarina, lugar onde ele viveu quando criança.

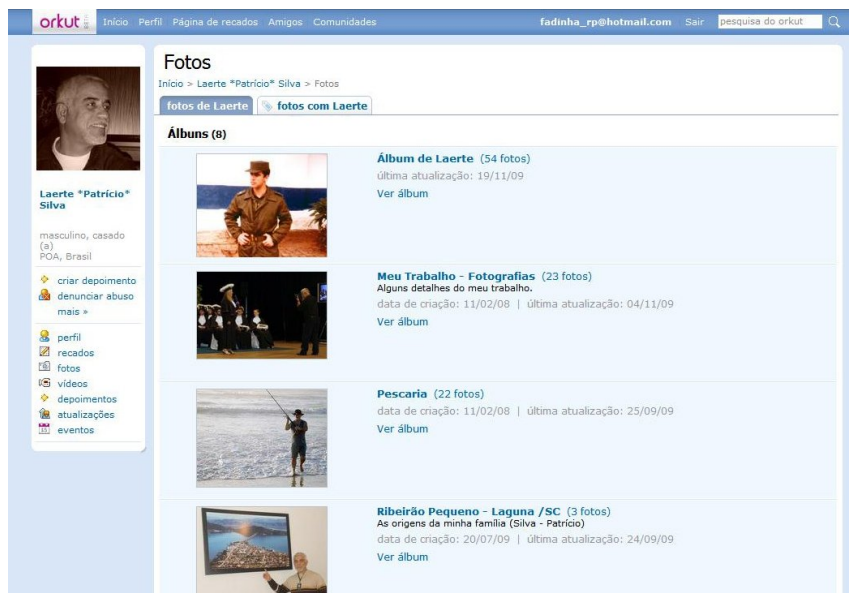


Figura 7: Álbuns de fotos Laerte *Patrício* Silva
Fonte: www.orkut.com.br

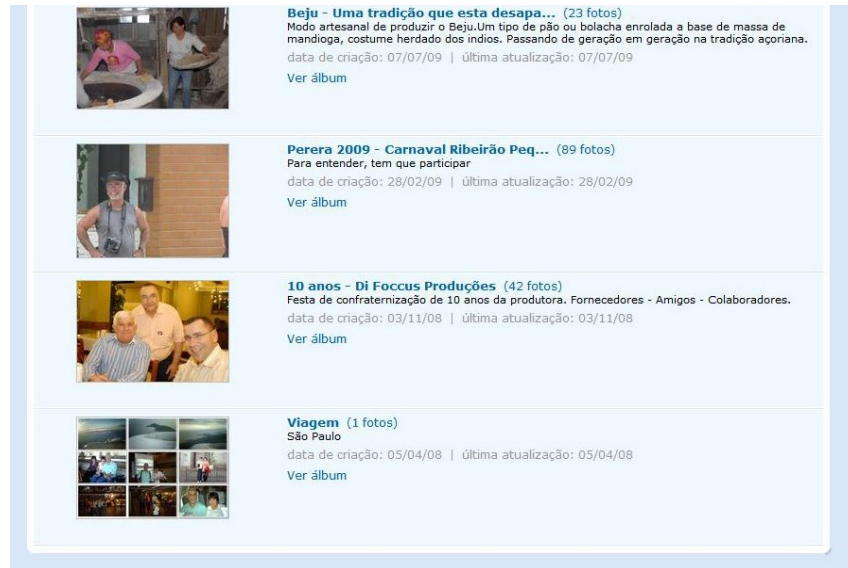


Figura 8: Álbuns de fotos Laerte *Patrício* Silva
Fonte: www.orkut.com.br

Lisa Bittencourt tem 36 anos, é casada e moradora de Porto Alegre. Ex-bancária, atualmente trabalha como profissional liberal na área de finanças.

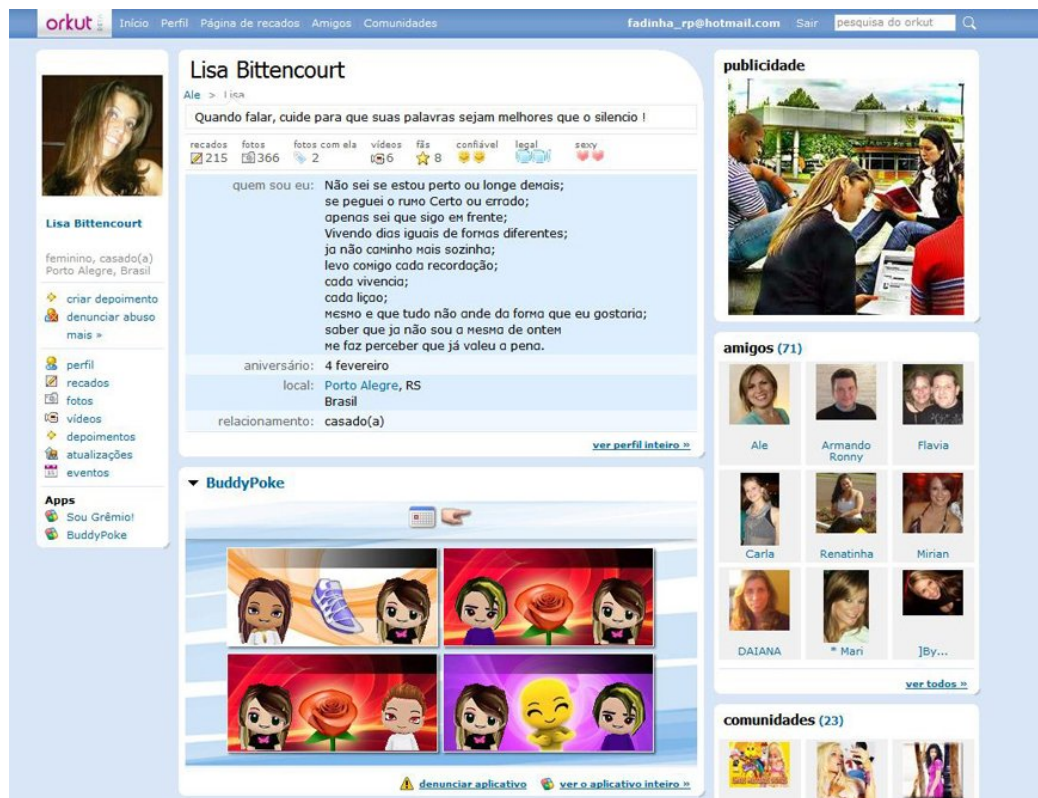


Figura 9: Perfil Lisa Bittencourt
Fonte: www.orkut.com.br

Lisa possui 366 fotos exibidas no seu *orkut*, essas estão divididas em 12 álbuns: Book da Rafinha II, Minha filha... Meu amor!, My Love, Lisa, Esperando minha Princesinha Rafaela, Aniver 3 anos Rafaela, Feriadão – Canela/RS, Carnaval 2009, Reveillon, Família, Book da Rafinha e Gramado. Os dois álbuns com mais quantidade de fotos são: Minha filha... Meu amor! - onde são encontradas fotos de vários momentos da vida da sua filha - e Aniver 3 anos Rafaela – onde constam todos os momentos do aniversário, cada álbum tem 100 e 50 fotos respectivamente.

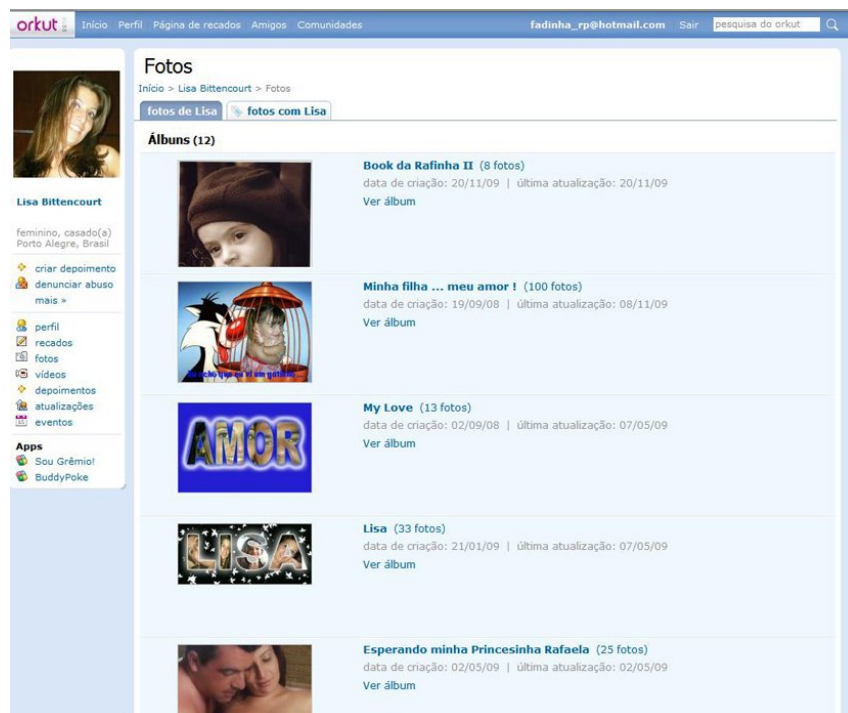


Figura 10: Álbuns Lisa Bittencourt
Fonte: www.orkut.com.br



Figura 11: Álbuns Lisa Bittencourt
Fonte: www.orkut.com.br



Figura 12: Álbuns Lisa Bittencourt
Fonte: www.orkut.com.br

Bruna Bertuol tem 26 anos, está namorando, sua cidade natal é São Miguel do Oeste/SC, mas desde quando iniciou a faculdade mudou-se para Porto Alegre. É formada em farmácia pela PUCRS.

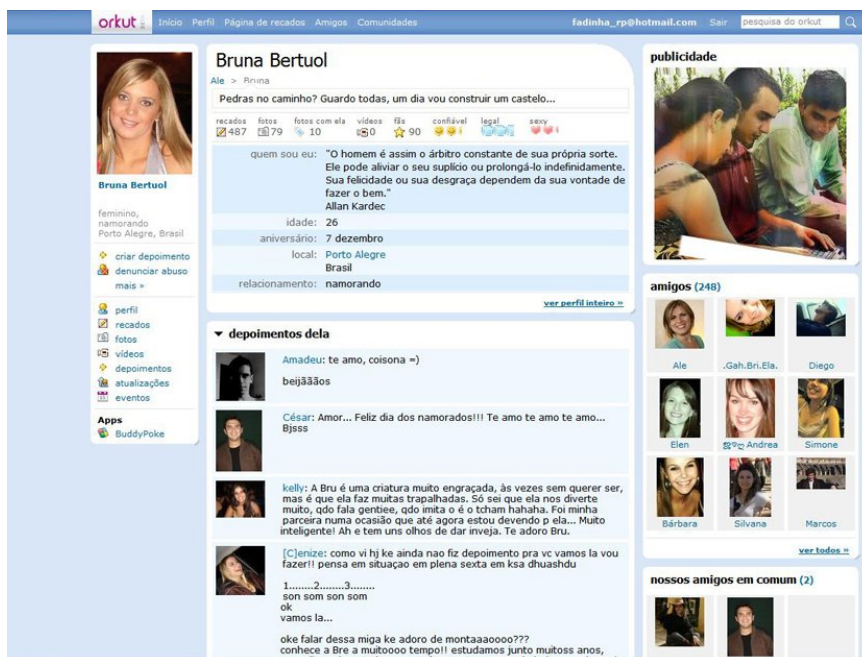


Figura 13: Perfil Bruna Bertuol
Fonte: www.orkut.com.br

Bruna tem no total 79 fotos em seu *orkut*, elas encontram-se divididas em 03 álbuns: Férias, Eu e você sempre... e Somente pessoas especiais. Seus álbuns são

divididos entre os momentos de: férias com a família em Santa Catarina, passeios com o namorado e vários momentos divertidos com os amigos.



Figura 14: Álbuns Bruna Bertuol
Fonte: www.orkut.com.br

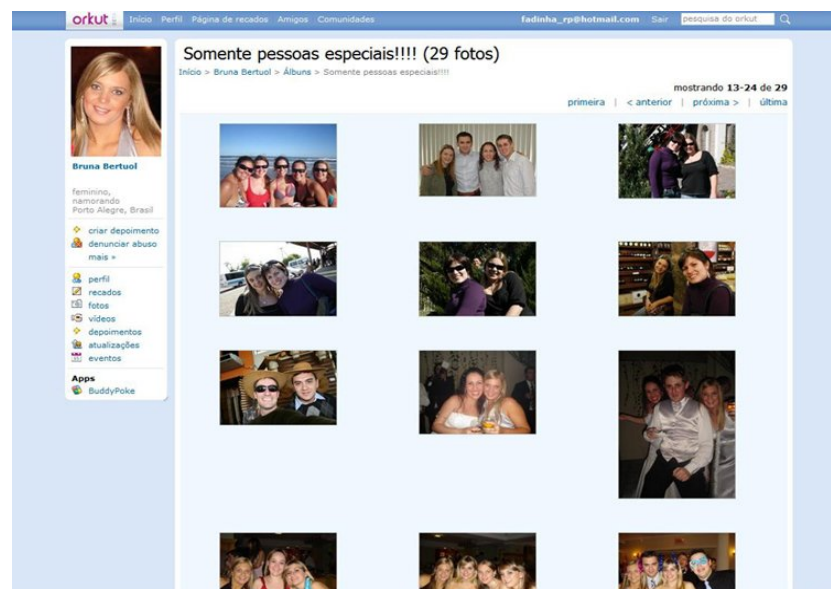


Figura 15: Fotos Bruna Bertuol
Fonte: www.orkut.com.br

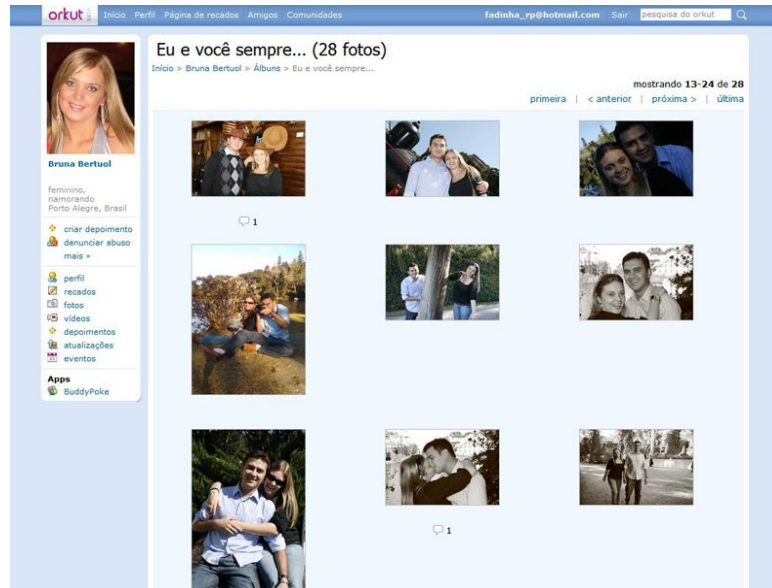


Figura 16: Fotos Bruna Bertuol
Fonte: www.orkut.com.br

Fê Alves, 18 anos, casada, atualmente mora em Viamão. É acadêmica de administração pela ULBRA. Há dois anos criou LF Digital Design, empresa voltada para criação de livros fotográficos, criações publicitárias e coberturas fotográficas. Desde criança tinha uma vontade imensa de fotografar, e aos 16 anos tornou-se profissional.

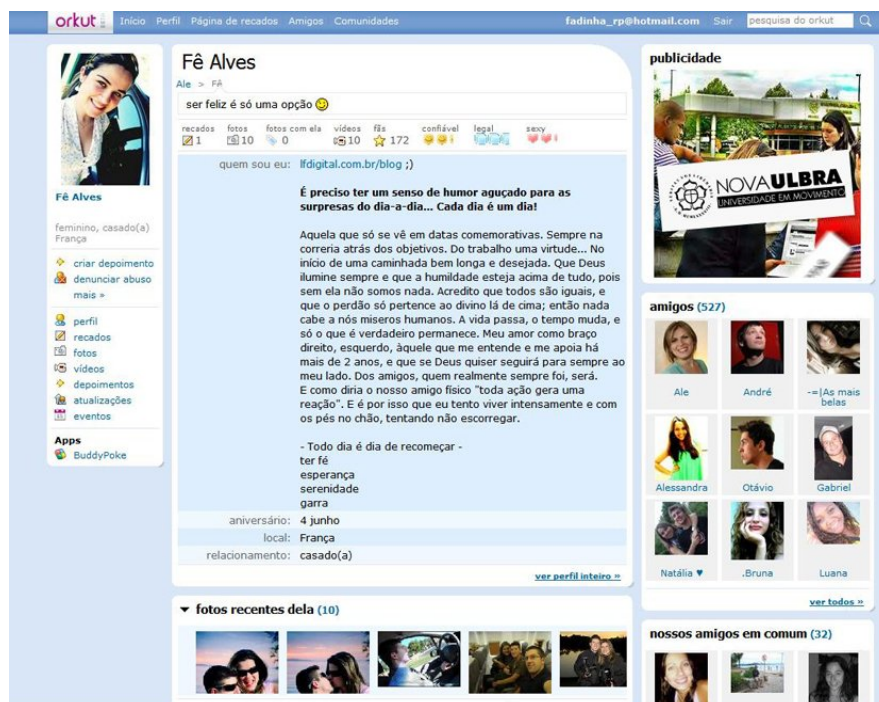


Figura 17: Perfil Fê Alves
Fonte: www.orkut.com.br

Fê possui atualmente em seu *orkut* 10 fotos, estas, estão num único álbum, identificado pelo símbolo “+”. Neste, são encontradas fotos com seu namorado, momentos de lazer e principalmente de trabalho.

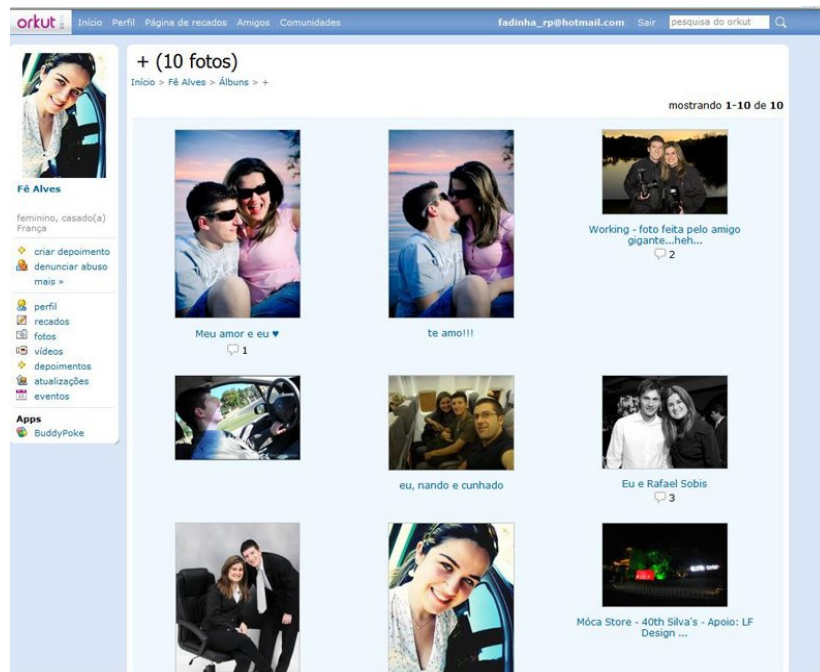


Figura 18: Fotos Fê Alves
Fonte: www.orkut.com.br

Augusto Serra tem 31 anos, é natural de Santo Angelo, mas faz 20 anos que mora em Porto Alegre. Está no 3º semestre de secretariado executivo na ULBRA. Guto, como é conhecido, trabalha em uma empresa prestadora de serviço especializada em formaturas, onde ocupa o cargo de diretor de produção.

Figura 19: Perfil Augusto Serra
Fonte: www.orkut.com.br

Augusto Serra possui 76 fotos postadas em seu *orkut*, divididas em 03 álbuns, que são nomeados da seguinte forma: di foccus, Álbum de Augusto e MADONNA... eu fui. Como podemos visualizar em seu perfil, ele é fã da Madonna, e um dos álbuns é dedicado a ela, com fotos do show em Buenos Aires. No álbum que contém o maior número de fotos, visualizam-se imagens do seu trabalho, e no menor, são fotos com família e amigos.

Figura 20: Álbuns Augusto Serra
Fonte: www.orkut.com.br

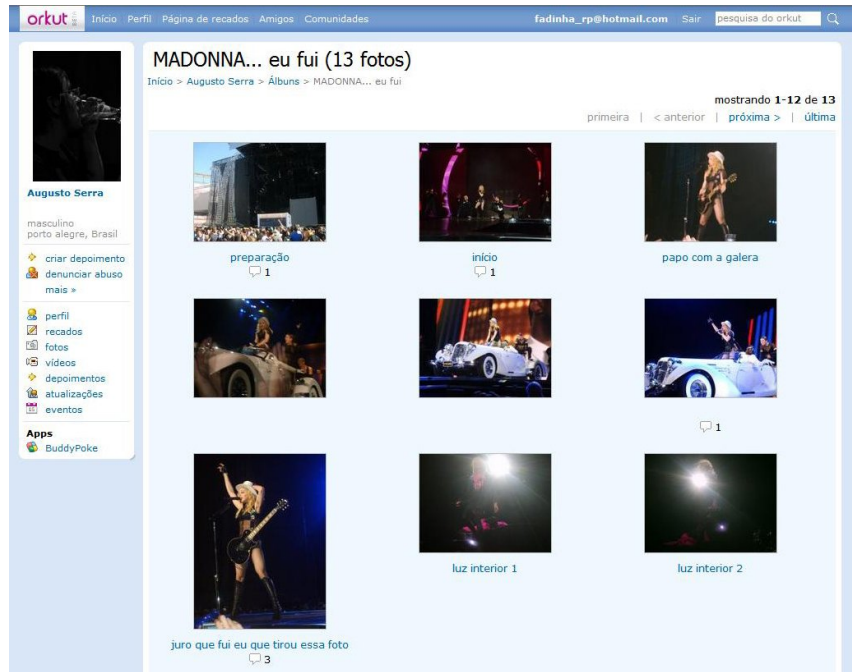


Figura 21: Fotos Augusto Serra
Fonte: www.orkut.com.br

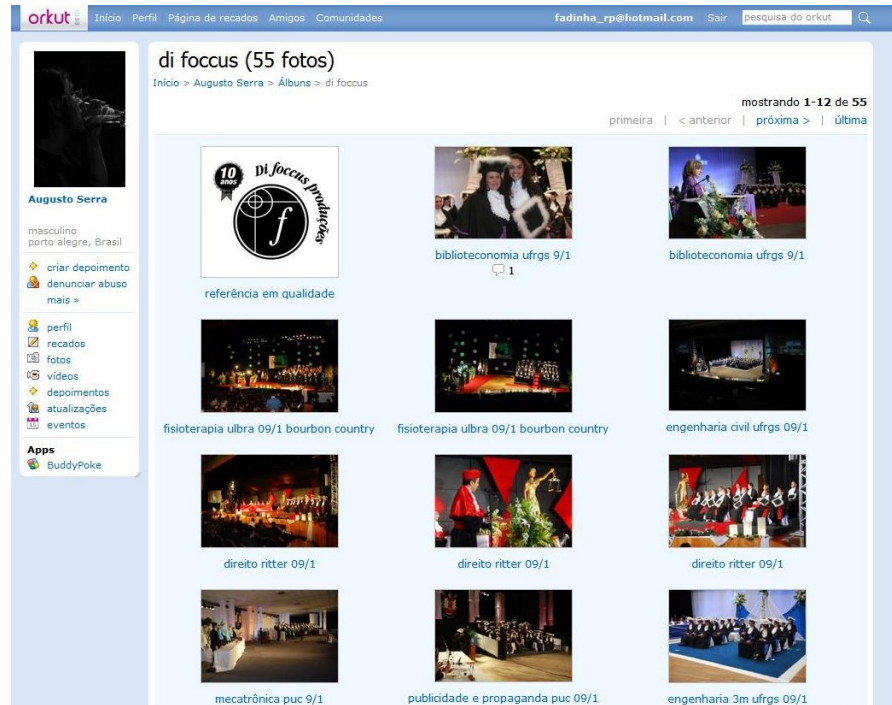


Figura 22: Fotos Augusto Serra
Fonte: www.orkut.com.br

Patrícia Duarte, 24 anos, casada e moradora de Florianópolis. Há um ano trabalha como auxiliar de marketing de uma construtora e incorporadora.

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades fadinha_rp@hotmail.com Sair pesquisa do orkut

Patrícia Duarte
Ale > Patrícia

recados 292 fotos 27 fotos com ela 0 vídeos 4 fãs 12 confiável legal sexy

quem sou eu: "Eu não sou o senhor do tempo, mas eu sei que vai chover
Me sinto muito bem quando fico com você
Eu tenho habilidade de fazer histórias tristes
Virarem melodia vou vivendo o dia-a-dia.

Na paz, na moral, na humilde busco só sabedoria
Aprendendo todo dia, me espelho em você
Corro junto com você, vivo junto com você, faço tudo por você.

Seguindo em frente com fé e atenção
Continuo na missão continuo por você e por mim
Porque quando a casa cai
Não dá pra fraquejar, quem é guerreiro tá ligado
Que guerreiro é assim.

O tempo passa e um dia a gente aprende
Hoje eu sei realmente o que faz a minha mente
Eu vi o tempo passar e pouca coisa mudar
Então tomei um caminho diferente
Tanta gente equivocada faz mal uso da palavra
Falam, falam o tempo todo mas não tem nada a dizer
Mas eu tenho santo forte é incrível a minha sorte
Agradeço todo tempo por ter encontrado você.

O tempo é rei, a vida é uma lição
E um dia a gente cresce
E conhece nossa essência e ganha experiência
E aprende o que é raiz então cria consciência.

Tem gente que reclama da vida o tempo todo
Mas a lei da vida é quem dita o fim do jogo
Eu vi de perto o que nequinho é capaz por dinheiro
Eu conheci o próprio lobo na pele de um cordeiro
Infelizmente a gente tem que tá ligado o tempo inteiro
Ligado nos pilantra e também nos bagunceiro
E a gente se pergunta porque a vida é assim?
É difícil pra você e é difícil pra mim.

publicidade

amigos (65)
Ale Michael Thiagozinho
Rodrigo Fé Natália
Paula marco Diogo...

nossos amigos em comum (16)

Figura 23: Perfil Patrícia Duarte
Fonte: www.orkut.com.br

Patrícia possui em seu *orkut* somente um álbum com 28 fotos. Nomeado de Floripa, esse álbum possui fotos de vários lugares da ilha, de momentos com a família e com o namorado.

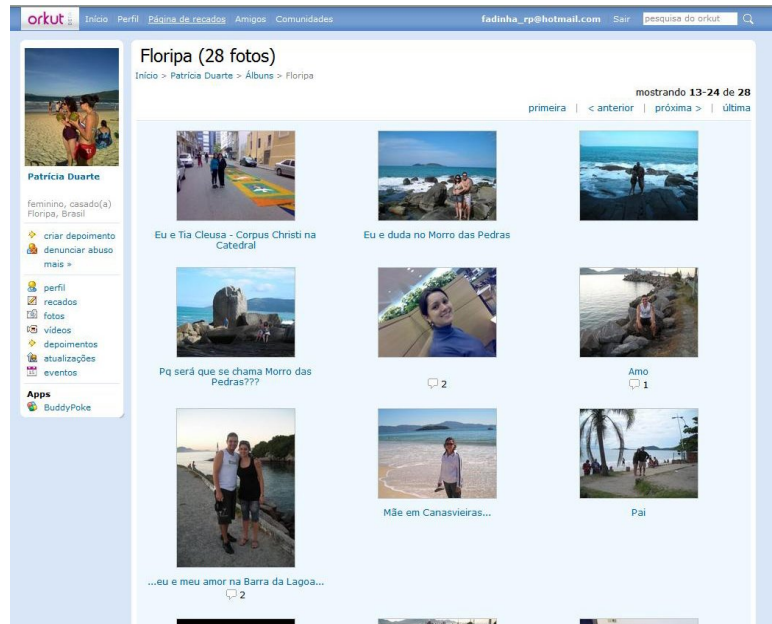


Figura 24: Fotos Patricia Duarte
Fonte: www.orkut.com.br

Vanessa Vargas tem 27 anos e mora em Porto Alegre. Está quase no final do curso de Relações Públicas na UFRGS, atualmente faz estágio na Pirelli.

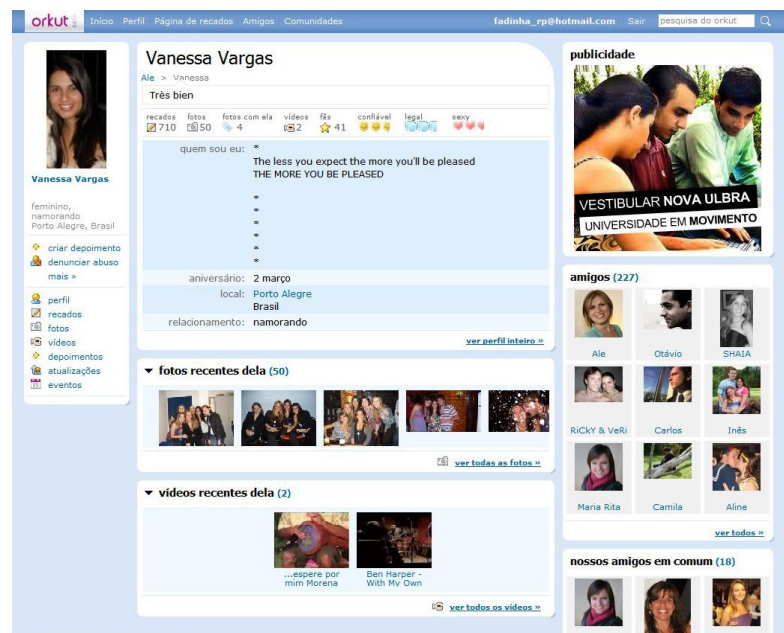


Figura 25: Perfil vanessa Vargas
Fonte: www.orkut.com.br

Vanessa têm postadas no seu *orkut*, 50 fotos, sendo essas divididas em 02 álbuns, são eles: Álbum de Vanessa e SUID AFRIKA. No Álbum de Vanessa, há

fotos de diversos momentos, como por exemplo, com seu namorado, com as amigas da fabico e de trabalho. Já no SUID AFRIKA, são fotos da sua viagem de intercâmbio para a África do Sul, onde aparecem fotos de inúmeros momentos do passeio.



Figura 26: Álbuns vanessa Vargas
Fonte: www.orkut.com.br

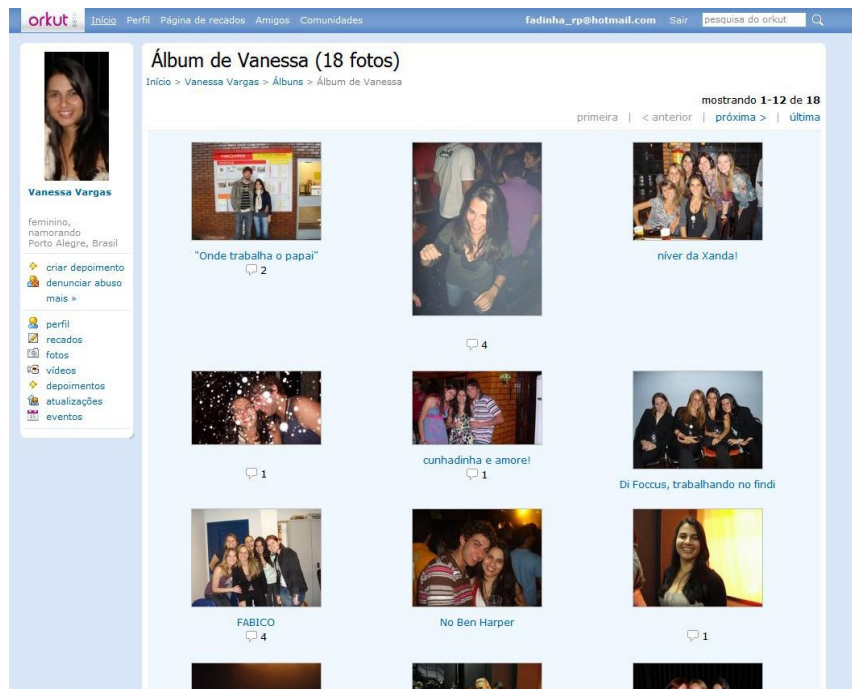


Figura 27: Fotos Vanessa Vargas
Fonte: www.orkut.com.br

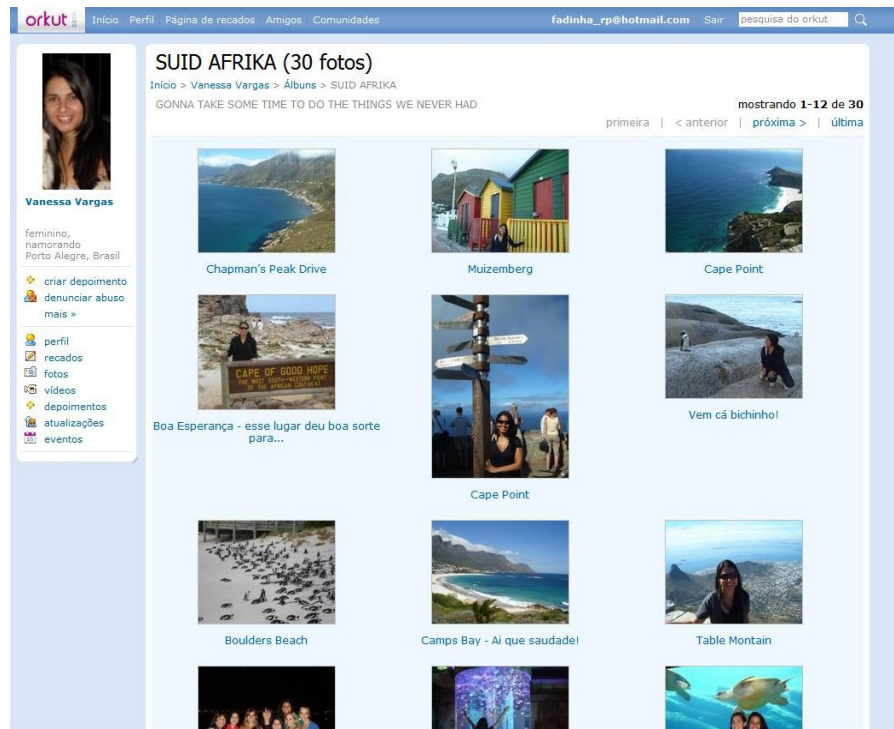


Figura 28: Fotos vanessa Vargas
 Fonte: www.orkut.com.br

4.3 Análise dos Dados

Após a reunião dos dados e análise dos depoimentos, foi possível identificar características e opiniões expressadas pela amostra. No total foram entrevistadas sete pessoas, sendo 02 profissionais ligados a fotografia e, os demais apenas usuários amadores, porém neste trabalho, a abordagem mesmo dos fotógrafos profissionais será somente da fotografia realizada em âmbito privado. A seguir apresenta-se uma tabela com o nome dos entrevistados, sua idade e sua atividade profissional.

Nome	Idade	Atividade Profissional
Laerte Silva	50	Sócio de uma empresa
Lisa Bittencourt	36	Consultora de finanças
Bruna Bertuol	26	Farmacêutica
Fernanda Alves	18	Empresária
Augusto Serra	31	Diretor de produção
Patrícia Duarte	24	Auxiliar de marketing
Vanessa Vargas	27	Estudante de RP

Quando questionados sobre a quantidade de fotos que constam em seu *orkut*, os entrevistados relataram que são poucas as que têm impressas, sendo a maioria somente no formato digital.

Laerte, Bruna e Augusto, não possuem nenhuma foto impressa. Vanessa disse ainda que, duas de suas fotos possui apenas em seu *orkut*, pois teve um problema no cartão da sua máquina e como ainda não havia gravado em cd, nem mesmo arquivado em seu computador, acabou perdendo essas imagens, “só deu tempo de colocar no *orkut*”. Fê costuma imprimir algumas de suas fotos no final do ano, como uma retrospectiva anual. Já Patrícia, diz que têm 17 fotos impressas das 63 que estão postadas, porém essas fotos estão impressas por que queria colocá-las em um mural e também em porta retrato. Lisa, informou que das 366 fotos em seu *orkut*, apenas 100 estão impressas, mas por serem fotos tiradas por profissionais, 02 books e 01 aniversário de sua filha.

Para ilustrar os dados obtidos apresentamos algumas “falas” dos entrevistados.

Com relação as fotos que ela própria tirou, diz:

“Tenho muitas fotos arquivadas no computador e também gravadas em cd... poucas estão impressas. Tenho uma filha de 03 anos, eu tiro uma foto dela, e ela já diz: - mamãe deixa eu ver! As vezes sinto falta do tempo do filme, uma por me deixar na expectativa, e também por fazer pensar para tirar a foto, por que tinha que economizar o filme... Sempre penso em imprimir mais fotos, mas acabo esquecendo, só me dou conta quando quero mostrar uma foto da Rafa para meu pai, e não posso por que ele não tem computador”. **Lisa Bittencourt**

Augusto, por sua vez complementa:

“Hoje em dia com o digital, não damos importância ao que registramos, parece que a fotografia perdeu a graça, não imprimimos mais as fotos, colocamos no Orkut, no twitter. Além disso, várias vezes já perdi muitas fotos importantes, por deixar só no computador e não imprimir, acabei perdendo tudo quando meu computador estragou”. **Augusto Serra**

Ao serem questionados sobre as diferenças encontradas na fotografia com a transição do analógico para o digital, Bruna diz que, a foto digital oferece mais qualidade, além de ter mais praticidade, pois não precisa comprar um filme, tirar todas as fotos, esperar pela revelação, mas afirma também que, não existe mais a expectativa para ver como ficaram as fotos. Já Augusto e Laerte, acreditam que a foto digital proporciona mais agilidade, praticidade e ainda o imediatismo, outro item destacado por Laerte, diz respeito à possibilidade de (re) fazer a mesma foto quantas vezes for necessário, se não gostar é preciso somente deletar.

Laerte, que de *hobby* passou a profissão, diz:

“Comecei a fotografar por hobby e pouco depois estava fazendo fotos dos casamentos, batizados, aniversários dos meus amigos. Depois de quase 25 anos como fotógrafo, tive que aprender a utilizar a nova tecnologia. Com o digital, ganhei muito mais tempo... agora vejo o resultado na hora. Quando minha primeira filha nasceu, eu já era fotógrafo, e cada novo mês de vida dela eu tirava fotos... tenho todas essas fotos guardadas. Mas confesso que hoje em dia raramente imprimo fotos”. Laerte Silva

Patrícia também aponta como positiva a característica do imediatismo de se obter o resultado, o que não ocorria com o analógico, tinha todo o tempo de espera. Outra questão comentada por ela foi a alternativa que a foto digital tem de ser ajustada, editada em softwares com maior praticidade, diferente da analógica, que neste caso deveria ser escaneada, retardando o processo. Para Fê, a principal diferença é a possibilidade de ver a foto instantaneamente. Com a fotografia analógica, havia maiores gastos, com a compra do filme, revelação e impressão. Além disso, a fotografia digital aliada ao avanço tecnológico proporcionou as pessoas o registro de seus momentos, pois a maioria tem máquina digital ou celular com câmera.

Nas palavras de Vanessa percebemos um questionamento sobre o “valor” das fotos impressa, segundo a entrevistada:

“Acho que a principal diferença é o valor que damos à foto impressa, colocando em quadros e porta retratos e muitas vezes olhando álbuns antigos para recordar. É uma relação de carinho. Isso não acontece com a digital que é descartada facilmente e também facilmente tirada devido ao

baixo custo e facilidade de manuseio de câmeras digitais e celulares”.
Vanessa Vargas

Lisa aponta como característica negativa do analógico, que a foto nem sempre correspondia à expectativa, e com o digital, é possível ver o que você vai fotografar antes de apertar o botão, através do visor. Mas ressalta ainda que a foto analógica criava uma expectativa com a arte da revelação, ilustrava histórias de vida, fatos, que eram recordados entre as pessoas, em qualquer lugar. Lisa considera também que, com a possibilidade de infinitas fotografias surgiu à banalização, a falta de capricho e interesse no momento de fotografar, “já vou tirar duas para garantir”, e com a característica de fotografarmos demais, inclusive o que nem é tão interessante assim, acabamos guardando as fotos num cd, em *pen drives* e acabamos por esquecer todas essas imagens.

4.4 Resultados da Pesquisa

Com base nas entrevistas realizadas é possível afirmar que, as pessoas gostam de ter fotos impressas, mas mesmo assim acabam por não imprimir seus arquivos digitais. Talvez a resposta esteja na comodidade proporcionada pela nova tecnologia, ver o resultado na hora. A fotografia acabou então, perdendo o seu encanto, por que antes havia a expectativa do resultado, e isso fazia com que cultivássemos o desejo pelo instante exato do ato de fotografar.

Verificou-se através das respostas, que as pessoas estão perdendo o costume de guardar fotos, inclusive as tradicionais de família. É possível que futuramente, perca-se o registro histórico das gerações, que hoje é realizado através das fotografias e, justamente com isto, não tenhamos mais álbuns impressos de fotos, e sim, álbuns digitais, que somente poderão ser visualizados em computadores ou aparelhos que reproduzam a tecnologia.

Pode-se afirmar que, estamos vivenciando a era da banalização da fotografia. Como não existem os gastos com filme, revelação e ampliação, não há também a preocupação com a impressão, pois o desejo de visualizar o que foi fotografado é permitido com a nova tecnologia.

Através do *orkut*, objeto de pesquisa desse trabalho, verificou-se que, com a possibilidade infinita de *clicks* que a fotografia digital proporcionou, perdemos um pouco a emoção pelo momento fotográfico. Afinal, nada mais é definitivo, como disse uma das pessoas entrevistadas, “se você não gostar da foto, é só apagar e fazer outra”. A efemeridade vivenciada pela fotografia faz com que seja analisada e discutida essa nova realidade, de forma que possamos nos adaptar a essa nova tecnologia e ao mesmo tempo, aproveitar todas as possibilidades por ela oferecida.

Foi apontado pelos entrevistados que, a principal vantagem da fotografia digital é a sua praticidade. Onde o desejo pela visualização do resultado é proporcionado pela agilidade do sistema digital, e também é possível, com a ajuda de *softwares*, a edição das fotos, seja para algum ajuste de cor ou luminosidade, como ainda a criação de álbuns/livros editados ou painéis fotográficos.

A partir da análise dos dados foi possível inferir que, uma das diferenças apontadas pelos participantes da pesquisa, entre a fotografia analógica e a digital, está relacionada com o valor emocional dado pelas pessoas a uma foto. De acordo com eles, há uma magia na fotografia, pois ela muitas vezes serve para ilustrar histórias de vida, registrar momentos especiais, criando assim uma relação de afetividade.

Quando é realizada uma fotografia, é como se o tempo fosse “aprisionado” e aquele momento passa a fazer parte da vida e da história das pessoas envolvidas. E a partir dessa foto muito pode ser dito, visto, lembrado e ainda, eternizado.

Após a pesquisa e conseqüentemente sua análise, é concebível a observação de que, com o advento da fotografia digital e ainda a modernização das câmeras fotográficas, o número de fotos tiradas é em média, três ou quatro vezes maior do que as tiradas com as câmeras analógicas. Há uma empolgação devido a curiosidade do novo, e ainda, com a infinita possibilidade no registro do instante. Com isso surge a dificuldade de armazenamento dessa grande quantidade de imagens, sendo a maior delas, a seleção das fotos. Existe sempre a dúvida entre no mínimo, duas imagens e, como a escolha por uma é quase impossível, opta-se por ficar as duas, dificultando cada vez mais o arquivamento e organização das mesmas.

Muitos indivíduos utilizam a fotografia apenas por *hobby*, mas reconhecem que a invenção do sistema digital, fez com que houvesse um empobrecimento na

exigência do *click*, pois agora, é possível repeti-lo até o alcance do ideal a ser fotografado.

Mesmo com a evolução cada vez mais rápida da tecnologia digital, ainda não são utilizadas as fotografias tiradas por aparelhos celulares da mesma forma que as fotos tiradas com a câmera fotográfica, pois a baixa qualidade das fotos, impossibilita até mesmo a visualização no computador. A foto do celular acaba sendo utilizada quase que unicamente para personalizar o aparelho celular, ou para fazer algum registro e compartilhá-lo com amigos através da tecnologia do celular.

Talvez daqui algum tempo as pessoas possam perceber que, a fotografia impressa é um tipo de memória, que deve ser conservada para que as próximas gerações possam conhecer a história da família, através da maneira mais usual desde a sua invenção, o ver e o tocar na foto. Parece que dessa maneira as características e as emoções da fotografia ficam mais evidentes, e o recordar passa a ser nostálgico e encantador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia está presente em minha vida desde quando nasci, através dela é possível conhecer de forma detalhada a minha história. Isso acontece com muitas pessoas, são nas fotografias que podemos ver e conhecer um pouquinho de cada uma. Tenho uma paixão, um carinho muito especial por fotografia. Como já disse anteriormente, sou filha de fotógrafo, e desde muito cedo esse interesse foi despertado em mim.

É possível com a fotografia voltar no tempo e também, ela nos permite sonhar através da imagem. Quantas vezes perdemos o fôlego ao vermos uma foto, a partir dela é permitido ver o mundo de outra forma, com muito mais alegria. Claro que cada indivíduo reage de uma maneira ao observar uma fotografia, é impossível negar que sempre há uma mensagem atrás dela. Ela possibilita também o registro do cotidiano, seja para deixar eternizado o instante ou mesmo para num outro dia, dar risada com o que ocorreu naquele momento. Há uma relação de carinho e magia que faz com que a fotografia possa contar através da imagem um pouquinho da história de cada um.

Quando começo a remexer na caixa dos álbuns antigos, tenho essa mania desde criança, é como se a minha memória me fizesse voltar no tempo. Tenho uma sequência de fotos que meu pai fez, de quando eu era muito pequena, numa viagem a Cerro Largo. Eu tinha aproximadamente dois anos, e um menininho um pouco mais velho do que eu, me trancou no galinheiro, são no total três fotos que guardo com muito carinho, onde eu apareço sentada na frente, a outra trancada e chorando e depois empurrando a porta do galinheiro. Até hoje essas fotos rendem muitas risadas, e com certeza se essas fotos estivessem em formato digital, eu não as teria impressa e nem mesmo lembraria da situação.



Figura 29: Viagem a Cerro Largo em janeiro de 1986.
Fonte: Arquivo pessoal

É muito comum mexer no computador e encontrar pastas com centenas de imagens, e nem mesmo lembrar de quando são. Quando as fotos estão no computador existe uma pequena chance de rever as fotografias, mas mesmo assim não há o hábito de parar para lembrar o que aconteceu no dia daquela foto, ver os detalhes ou fazer comentários, é simplesmente uma visualização rápida e já passa-se para a próxima. E, se as fotografias estão arquivadas em *cd's* ou *dvd's*, não há o costume de pegar os *backup's* para rever as fotos, é muito diferente de quando eu era criança e adorava ver o que já havia acontecido.

Ao sentir saudades de momentos que vivi ou de pessoas que não tenho mais ao meu lado, pego a minha caixa de fotos, a qual eu chamo de livro da minha vida, e fico horas relembando os acontecimentos, as situações da infância, as fotos que meus pais tiraram de mim quando era bebê, o meu primeiro aniversário, a boneca que era maior do que eu, meu primeiro passeio pela redenção e a felicidade que expressava quando minha mãe me colocou sentada na areia. São tantas as lembranças e os bons momentos que não poderia pegar uma foto e dizer que ela resume quem eu sou, mas é possível conhecer um pouco da minha vida através das minhas fotografias.

É esse registro, essa história contada através de uma caixa de fotografias que está deixando de existir. É como se culturalmente uma parte do capítulo da vida estivesse deixando de ser contada ou documentada. Por isso, para mim que fotografo desde 2003, é muito difícil conviver com as mudanças derivadas da nova tecnologia.

A partir do resultado da pesquisa realizada por este trabalho, é possível afirmar que a fotografia digital e as novidades apresentadas por ela, fazem com que os indivíduos decidam não realizar a impressão das suas imagens. Para muitos usuários, a fotografia passou a ser vista apenas no formato digital não havendo mais o envolvimento sentimental. Também o momento em que as fotos são tiradas não é muito analisado, não há o cuidado que tinha que se ter com o filme, a luz, o enquadramento. Pois se não ficou bom é só tirar outra. Mas, muitas vezes “aquela pose” não se repete!

Trabalho com a fotografia digital desde julho de 2005, e não há como negar que para o profissional, a sua invenção facilitou muito o desenvolvimento do seu trabalho. A agilidade proporcionada pela nova tecnologia, fez com que o resultado fosse visto quase que instantaneamente ao apertar do botão, diminuindo a probabilidade do erro e auxiliando no ajuste da iluminação. Instigou o profissional no aprendizado do novo e deu ao fotógrafo a liberdade de criar novos estilos e ter na hora a resposta ao seu trabalho.

Além de possibilitar eliminar as despesas com filme e laboratório, mesmo que de início o investimento no equipamento tenha sido elevado, o sistema digital também auxiliou na ampliação do serviço do profissional, podendo agora oferecer variações, desde a fotografia impressa até mesmo livros editados.

Entretanto, para os fotógrafos amadores a fotografia digital também trouxe vantagens. Com ela foi possível um maior número de acertos na hora de fotografar, afinal, você enxerga a cena a ser fotografada, e somente depois de ter certeza aperta o botão, logo em seguida tem o resultado dessa escolha.

Também influenciou no aumento do registro fotográfico, mas ao mesmo tempo, criou um “problema”, o não arquivamento desse material e ainda, quase que eliminou o hábito de imprimir as fotos, que é onde a fotografia mais emociona, é quando ela está num álbum de família, em um porta-retrato em destaque na estante ou quando está num quadro fixado na parede.

De acordo com o que foi discutido no capítulo 3, muitas mudanças ocorreram entre o final do século XIX e início do XX, que compactuaram para o surgimento das novas tecnologias. Isto implicou em inúmeras modificações na sociedade e ainda o surgimento dos novos meios de comunicação e da cultura de massa. Hoje, podemos incluir neste cenário a internet, pois também está inserido na indústria cultural, porém com outro tipo de relação, *todos para todos* e não *um para todos*. Assim,

atualmente quando as pessoas tiram fotos e as socializam no *orkut*, também há uma interação: a de sociabilidade e visibilidade do privado no público.

Também pode ser visto, no *orkut*, a possibilidade do viés mercadológico, por exemplo, a publicidade da ULBRA⁶.

Outro aspecto abordado no capítulo 3 foi à relação que existiu entre a fotografia e a arte, proporcionada pela reprodutibilidade técnica, que modificou e ampliou o uso da fotografia. Conforme Benjamin, a expansão do uso da fotografia, analógica na época, proporcionou a democratização da arte e a possibilidade de ilustração do cotidiano.

Muitos usuários da nova tecnologia acreditam que estamos na era de registrar tudo e todos a cada instante ou a cada possível acontecimento. Esse cenário acaba trazendo para a fotografia uma perda de credibilidade, fazendo com que uma foto se transforma em somente mais uma, ou seja, passamos a vivenciar a era da banalização.

Entretanto, conforme relatado no capítulo 2, na era dos retratos os indivíduos preparavam-se para a foto, posavam para o fotógrafo com o desejo se aprisionar o instante. Com diz Barthes (1980), as pessoas fabricavam instantaneamente um outro corpo. Fazendo uma relação com a era dos retratos e o *orkut*, é possível dizer que, a vontade de registrar o instante permanece, porém o objetivo hoje é outro, não mais registrar um momento, mas ter visibilidade. Não há a preparação para tirar uma foto, é como se a quantidade de *clicks* fosse o mais importante, e ao finalizar, imediatamente tudo é socializado no *orkut*. Parece que não há mais uma reflexão sobre o que uma foto significa.

Com o advento do digital, a fotografia passou por novas transformações e, ao compararmos esta com a fotografia relatada por Benjamin, verifica-se o declínio da fotografia como “arte”. Ainda que para Benjamin ela fosse uma técnica de reprodutibilidade, pois para ele, arte era um objeto com características únicas.

Apropriando-se ainda do conceito do autor, é possível dizer que com a transformação do analógico para o digital, a fotografia perdeu o que restava da sua “aura”.

Contudo, a fotografia digital acaba por proporcionar aos seus usuários o registro do cotidiano, e este pode ser postado em blogs, sites de relacionamentos,

⁶ Localizada no canto superior direito, em todos os *prints* dos perfis dos participantes da pesquisa

etc. A partir deste cenário, passa a existir a idéia de visibilidade do privado em um espaço quase público. Afinal, o *orkut* não é público totalmente por que para acessá-lo é preciso ter um cadastro.

Diante deste cenário e a partir do estudo desenvolvido por este trabalho, podemos afirmar que desde a sua invenção a fotografia passou por inúmeras transformações. Iniciou com o objetivo de auxiliar os artistas no desempenho de seus trabalhos, depois passou a ser criticada por eles, posteriormente tornou-se parte da arte e possibilitou a divulgação e a descentralização da cultura.

Por fim, na era da reprodutibilidade técnica a fotografia deixa de ser obra de arte e passa a ser um produto, não só da cultura de massa, mas também da cultura digital.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1999.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. A Mensagem Fotográfica. In: LIMA, Luís Costa (Org.). **Teoria de Cultura de Massas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 301-316.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luís Costa (Org.). **Teoria de Cultura de Massas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre Fotografia**. São Paulo: Thomson Pioneira, 1979.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. 11.ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1988.

COLLARES, Gabriel. Imagem digital e manipulação. A contribuição de Walter Benjamin para a era da reprodutibilidade de verossimilhanças. In: JÚNIOR, Carlos Pernisa, FIORESE, Fernando Fábio e ALVARENGA, Nilson Assunção (Org.). **Walter Benjamin: imagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 07-25.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 62 – 83.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

FABRIS, Annateresa. A Invenção da Fotografia: Repercussões Sociais. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia Usos e Funções no Século XIX**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p. 09 – 37.

GIL, Carlos Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é Fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ROSENBERG, Bernard. A cultura de massa nos Estados Unidos. In: ROSENBERG, Bernard e WHITE, David Manning (Org.). **Cultura de massa**. São Paulo: Cultrix, 1957. p. 15 – 25.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: das cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. Da cultura das mídias à cibercultura: O advento dos pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, 2003a. p. 23-32.

_____. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, Felipe de Carvalho. **Texto e Imagem - sobre um diálogo entre a fotografia e o projeto gráfico**. Recife: UFRPE, 2003. 85 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso Desenho Industrial – Programação Visual) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFENSON, Bob. **Cartas a um jovem fotógrafo: o mundo através das lentes.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

Sites Acessados

Focus Escola de Fotografia. Disponível em: <<http://www.escolafocus.net>>. Acesso em 15 de outubro de 2009.

Harry Ranson Center. Disponível em: <<http://www.hrc.utexas.edu/exhibitions/permanent/wfp/niepce.html>>. Acesso em 19 de abril de 2009.

Orkut. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br>>. > Acesso em: set/ out/ Nov 2009.

Pinhole Câmera. Disponível em: <<http://aurelionespoli.com.br/page1001.aspx>>. Acesso em 18 de abril de 2009.

Sony Insider. Disponível em: <<http://www.sonyinsider.com/2009/03/11/akio-morita-and-1981s-mavica-electronic-camera/>>. Acesso em 20 de agosto de 2009.

The Robinson Library. Disponível em: <<http://www.robinsonlibrary.com/technology/photography/biography/niepce.htm>>. Acesso em 18 de abril de 2009.

Vida Familiar. Disponível em: <<http://www.eb23-viatodos.rcts.pt/hannover/vida.htm>>. Acesso em 21 de novembro de 2009.

ANEXO A – Instrumento para Coleta de Dados

1.Nome:

2.Idade:

3.Profissão:

4. Qual a frequência com que costuma tirar fotos?

5. Possui as fotos que estão no seu *orkut* impressas?

6. As diferenças observadas na mudança da fotografia analógica para a fotografia digital.

7. Quantidade de fotos no *orkut* e sua atualização